

## ÍNDICE

	págs.	§§
Duas palavras .....	157	
Explicação preliminar .....	158	
Introdução .....	168	
Orações subordinadas adverbiais aditivas .....	175	1
Orações substitutivas .....	186	30
Orações comparativas contrastivas .....	194	48
Orações locativas .....	209	83
Orações concessivas indefinidas .....	216	100
Orações causais irreais .....	221	116
Orações finais irreais .....	224	124
Orações causais intensivas .....	227	135

## **ALGUNS TIPOS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS**

(Português, galego, espanhol, italiano, francês)

**Clóvis Barleta de Morais**

### **DUAS PALAVRAS**

De minha dissertação de mestrado, defendida na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo em 1970, extraí algumas partes que agora se publicam pela primeira vez. Procurei escolher as mais originais, isto é, casos especiais ordinariamente pouco estudados em obras de sintaxe portuguesa. Procurei corrigir os erros dessas partes, que agora saem consideravelmente aumentadas. Muitas vezes aproveitei idéias, bem definidas ou não, de vários autores, principalmente franceses, e tentei verificar de que recursos dispõem as línguas românicas para exprimir certas noções por meio de orações subordinadas adverbiais (sc. adição, substituição, contraste, lugar, objeção indefinida, intensificação de uma causa, causa e fim irrealis).

Como hoje os estudos de lingüística teórica se acham muito valorizados, compreende-se que hajam causado espécie as referências a antigos gramáticos franceses, portugueses e brasileiros. Note-se, porém, em primeiro lugar, que alguns deles são respeitáveis, e em sua época foram excepcionais, como por exemplo Epifânio Dias e Said Ali. Em segundo lugar, essas referências não têm o escopo de fundamentar posições, mas servem simplesmente de mostrar como certas questões foram tratadas no passado.

Agradeço aos colegas as críticas, correções e sugestões que me fizeram. Reconheço que assim mesmo este trabalho tem defeitos e senões que não vi ou não soube emendar, de

modo que ficarei grato a todos quantos me enviarem críticas ou informações novas. Quem tem vontade de aprender e quer fazer alguma coisa — dizia Machado de Assis — prefere a lição que melhora ao ruído que linsonjeia.<sup>1</sup>

*Clóvis Barleta de Morais*

Faculdade de Filosofia

17500 — Marília

## EXPLICAÇÃO PRELIMINAR

Este trabalho é histórico-comparativo, e pretende ser, tanto quanto possível, interpretativo. Quer dizer, além de fazer uma descrição de fatos e tentar reconstituir sua transformação no tempo, pretendo também descobrir valores semânticos e estilísticos.

Procurando uma conceituação de sintaxe, que pretende ser ampla mas não revolucionária, pode-se recordar a de Eduardo Carlos Pereira, que abrange amplamente os fenômenos pertencentes ao domínio da sintaxe: «Sintaxe () é o estudo da frase, isto é, da proposição e do período gramatical, bem como das relações dos seus respectivos membros. Entra ainda no quadro sintático o estudo subsidiário de certas funções das categorias gramaticais e da pontuação, que discrimina e clareia o sentido da frase.»<sup>2</sup>

Fazendo ao quadro de Carlos Pereira algumas adaptações sugeridas pelo Dr. I. Salum e modernizando-lhe o vocabulário, tem-se o seguinte esquema:

### 1) A construção

#### a — Estrutura da oração

(1) Machado de Assis, *Ressurreição*, «Advertência da Primeira Edição».

(2) E. C. Pereira, *Gramática Expositiva*, § 359, p. 213. Autores mais recentes têm apresentado a conceituação da sintaxe e o seu domínio em termos mais modernos. Vejam-se Matoso Câmara, *Princípios de Lingüística*, § 89, p. 199; F. S. Borba, *Introdução aos Estudos Lingüísticos*, p. 236; H.-A. Gleason, *Introduction à la linguistique*, cap. 10; John Lyons, *Linguistique générale*, 5.4.1, p. 149; O. Ducrot et T. Todorov, *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*, «Composantes de la description linguistique», p. 71.

- b — Estrutura do período composto
  - c — Usos e empregos das classes de palavras (tanto das palavras significativas [morfemas plenos] como dos instrumentos gramaticais [morfemas vazios livres])
- 2) Os processos de relação
- a — Regência
  - b — Concordância
  - c — Colocação
- 3) Modulação <sup>3</sup>

O estudo das orações adverbiais insere-se, portanto, no estudo da estrutura do período composto, que compreende ainda as orações independentes e as subordinadas substantivas e adjetivas.

Este trabalho surgiu do interesse pela sintaxe, um dos campos mais fascinantes e mais importantes da investigação lingüística.<sup>4</sup> É na sintaxe que melhor se reflete o pensamento, em seus cambiantes e em suas variedades.<sup>5</sup>

Há quem se refira à palavra como «veículo da idéia». A comparação parece boa, tanto mais se tivermos presente o íntimo entrelaçamento de palavras e idéias. A comparação seria fraca se *veículo* não sugerisse o entrosamento, a interligação que existe entre pensamento e palavra. Quem não observou que ~~— muitas vezes —~~ para se ter nítido na mente o conceito de alguma coisa, basta encontrar o termo que o ~~re-~~ ~~presente-~~

- 
- (3) A palavra *pontuação*, usada por Carlos Pereira, está presa demais à idéia de linguagem escrita, e dificilmente nos lembraria as entidades fônicas supra-segmentais.
- (4) «Tomando-se a palavra como a unidade gramatical básica, pode-se dizer que o *coração da gramática* é aquela parte que trata das inter-relações padronizadas de palavras nas orações de uma língua, e dos meios de analisá-las e expressá-las gramaticalmente. Este é o campo tradicional da sintaxe e pode-se afirmar com justiça que *a sintaxe é a parte mais importante da gramática.*» (R. H. Robins, *General Linguistics*, cap. VI, p. 223. Os grifos são meus.)
- (5) Vide Arsène Darmesteter, *Cours de grammaire historique*, 4<sup>e</sup> partie, Syntaxe, p. 1.

Não pretendo nem tenho forças para discutir as intrincadas questões da origem da linguagem e da possibilidade ou não de pensarmos sem palavras.<sup>6</sup> Deve ter havido uma influência mútua entre pensamento e linguagem, de modo que os dois se vieram, talvez, desenvolvendo paralelamente durante os milênios que viveu o homem primitivo, de tal maneira que a linguagem ia moldando o pensamento e o pensamento ia plasmando a linguagem.<sup>7</sup>

Não é difícil imaginar-se que sem a linguagem articulada o pensamento humano seria massa informe, um como caos nevoento e brumoso.<sup>8</sup> Em geral não nos damos conta de que é a linguagem que nos dá a capacidade de generalização e abstração, bem como a possibilidade de estabelecer comparações e realizar as demais operações intelectuais. Os professores de crianças surdas de nascença afirmam que o pensamento delas é concreto, que é grande a dificuldade que têm de usar os instrumentos gramaticais (morfemas vazios livres), justamente os elementos mais abstratos da linguagem. Gordon Childe diz que o instrumento social a que chamamos linguagem contribuiu para o que é grandiloquentemente descrito como «a emancipação do homem da dependência do concreto».<sup>9</sup>

Sem a linguagem articulada o homem não seria o que é; e ela não é espontânea no ser humano, mas adquirida pela

(6) G. Révész, *Origine et préhistoire du langage*. E. Sapir, *A Linguagem*, cap. I, pp. 27-8 e 29-30. G. Mounin, *Histoire de la linguistique*, cap. I, n.º I, § 2, pp. 19-22. R. W. Langacker, *A Linguagem e Sua Estrutura*, pp. 25-6 e 45-50. Archibald A. Hill, *Aspectos da Lingüística Moderna*, pp. 53-61 e 174. John B. Carroll, *O Estudo da Linguagem*, pp. 113-5 e 117-9.

(7) P. Chauchard, *Le langage et la pensée*, p. 11.

(8) «Antes da formulação idiomática [sc. verbalização], nosso pensamento não é mais do que uma massa amorfa» (Amado Alonso, prefácio ao *Curso de Lingüística* de Saussure, p. 8). «A linguagem, atividade especificamente humana, instrumento fundamental de comunicação e de elaboração do pensamento» (Hécaen et Angelergues, *Pathologie du langage*, p. 5).

(9) G. Childe, *O Homem Faz-se a Si Próprio*, cap. II, p. 35. E também: «Em nosso pensamento, ( ) conseguimos conceber o corpo como se não tivesse forma, ou a forma como se não tivesse cor; ( ) consideramos isoladamente o volume, o peso, o cheiro ou o sabor de uma laranja, como se cada uma dessas qualidades existisse por si só, independentemente de qualquer das outras. Essa operação por meio da qual separamos mentalmente coisas de fato inseparáveis constitui o que se chama *abstração*. ( ) as mais altas produções de nosso espírito — os juízos e os raciocínios — jamais chegariam a ser elaborados, se a inteligência não dispusesse do incomparável mecanismo que lhe permite dissociar ou abstrair os elementos com que opera.» (Iago Pimentel, *Noções de Psicologia*, pp. 192-3).

criança no contacto com os adultos. Diante disso parece presunçosa a afirmação de que o homem é um animal racional: «Tirai aos homens a vantagem das línguas e idiomas, e os vereis reduzidos talvez à inferior categoria dos bugios e orangotangos.»<sup>10</sup> Podemos afirmar com mais exatidão que o homem é um animal que pode tornar-se racional se, convivendo com outros homens, adquirir o uso da linguagem articulada e desenvolver sua inteligência.

Muito mais modesta é a definição de uma personagem de Camilo Castelo Branco: «O homem é um cabide», isto é, uma armação vazia onde a sociedade dependura hábitos, valores sociais, políticos e éticos, e também a linguagem articulada.<sup>11</sup>

Essa digressão tem a finalidade de realçar o grande valor humano da linguagem. Há uma dependência e relação mútua entre pensamento e linguagem; e recordando que é na sintaxe que se reflete melhor o pensamento, em seus matizes e variedades, fica explicado o grande interesse que têm esses estudos.

A escolha do tema se justifica, outrossim, pela esperança de poder contribuir, ainda que modestamente, para uma melhor descrição e compreensão de certos fatos da sintaxe portuguesa, uma das menos exploradas entre as línguas românicas, ao contrário do francês, que nesse particular é a mais privilegiada das irmãs. Criado de Val chega a dizer que «A sintaxe espanhola mal saiu dos moldes tradicionais. Modernamente, destacam-se os esforços da investigação hispano-ame-

---

(10) Marquês de Maricá, *Máximas*, n.º 2484. A título de curiosidade, vejamos outras definições de *homem*: «Definição de homem é seer criatura razoável.» (D. Pedro, *Virtuosa Benfeitoria*, livro III, cap. IV, p. 188) «O homem é animal sociável, nisso nos distinguimos dos brutos.» (Vieira, *Sermões*, vol. I, col. 830) Nas *Cenas da Foz*, em cujo frontispício aparece apenas o pseudônimo João Júnior, diz uma personagem de Camilo Castelo Branco: «desenganos acerbos, sendo o mais pungente de todos a certeza a que vim de que o homem não é, como disse Platão, um animal implume, nem a sombra dum sonho, como disse Píndaro, nem o rei da criação, como disse Moisés, nem animal racional, como dizem alguns filósofos, que se excluem, vistas as muitas irracionalidades que escrevem. O homem, enquanto a mim, é um pedaço d'asno!» (*Cenas da Foz*, livro I, cap. XVI, pp. 87-8)

(11) «O homem, na minha opinião, é um cabide, e mais nada. O que a mão da boa ou má fortuna dependura nele é que distingue a criatura de Deus entre os seus irmãos. Não há substância de homem: há só forma de homem.» (*Cenas da Foz*, p. 88)

ricana, que faz com que seja *menos desolador o campo da sintaxe espanhola que o da portuguesa*. (O grifo é meu.)<sup>12</sup>

Não é preciso, portanto, insistir mais na importância e necessidade dos estudos de sintaxe portuguesa. E dentro da sintaxe, ocupa lugar relevante o estudo do período, sua estrutura e evolução: «Todas as questões concernentes à estrutura da frase são da maior importância teórica e prática, visto que não há reflexão, não há regra, não há ensinamento relativos ao emprego da língua a serviço do pensamento que não apele a noções gerais dessa ordem.»<sup>13</sup>

Anotando, durante anos de leitura, exemplos de construções para as quais geralmente não encontrava explicação, vim a ter em mãos um material que, examinado, estudado, comparado, me levou a certas conclusões; é preciso dizer que encontrei boas explicações principalmente nos tratadistas franceses. Os estudos teóricos faziam com que eu examinasse os textos com olhos mais perspicazes; a leitura de textos confirmava, aclarava, retificava ou invalidava as explicações dos teóricos.

Quem conhece as dificuldades de um estudo simplesmente descritivo, facilmente avaliará os embaraços que surgem nos trabalhos de sintaxe diacrônica. Longe de mim, pois, qualquer intenção de fazer uma evolução da sintaxe do período em português, muito menos em latim. As referências ao português dos séculos passados têm o objetivo de mostrar o que é comum à linguagem atual e à antiga, o que sobrou de uma seleção que pôs de lado algumas construções e certos conectivos.

Os estudos de sintaxe remontam aos gramáticos da Antiguidade.<sup>14</sup> O exame da estrutura do período composto, todavia, é bem mais recente; a respeito da *Grammaire générale et raisonnée* de Claude Lancelot, conhecida como *Grammaire de Port-Royal* e publicada em meados do século XVII, diz o

(12) Criado de Val, *Sintaxis del verbo español moderno*, p. 22.

(13) A. Sechehaye, *Essai sur la structure logique de la phrase*, p. 1.

(14) «Dionísio [da Trácia, gramático do fim do século II a.C.] não tratou de maneira explícita da sintaxe, isto é, dos princípios que regem a combinação das palavras em frases; esse aspecto da descrição gramatical do grego foi realizado cerca de três séculos mais tarde por Apolônio Discolo (século II d.C.)» (John Lyons, *Linguistique générale*, p. 13).

Diz F. L. Carreter sobre a sintaxe: «Parte da gramática criada por Apolônio Discolo (séc. II d.C.) para o estudo das relações que as palavras adquirem na frase. A palavra *syntaxis* era usada até então em termi-

seguinte o linguísta dinamarquês L. Kukenheim: «aqui assistimos ao próprio nascimento da análise do período composto.»<sup>15</sup>

É preciso confessar que nem tudo está explicado; quer por haver a sintaxe ficado muito tempo marginalizada, quer porque realmente não é simples chegar-se a uma sistematização completa.<sup>16</sup> A realidade lingüística é mais rica do que os nossos pobres esquemas, e os fatos se encaixam mal, ou não se encaixam, nas classificações tradicionais. O campo da sintaxe apresenta dificuldades especiais: os fatos são muitas vezes es-corregadios, difusos, adversos a classificações rigorosas ou simplesmente claras. Não é fácil explicar fenômenos que muitas vezes se interpenetram uns nos outros.

Tem este trabalho um objetivo modesto: estudar certos tipos de orações adverbiais que ordinariamente não aparecem em obras de sintaxe portuguesa. Trata-se de construções que, embora não sejam muito freqüentes, são espontâneas, aparecem também na linguagem falada, e existem na língua há séculos. Todavia, o estudo isolado de certos tipos de orações adverbiais poderia parecer específico demais, uma vez que não se trata de trabalho exaustivo, como por exemplo o de Ângela Vaz Leão sobre as condicionais e o de Paul Imbs sobre as

---

nologia militar para designar um determinado agrupamento de soldados; metaforicamente era empregada pelos gramáticos para designar a união das letras (ou sons) para formar palavras. Apolônio a aplicou pela primeira vez no sentido mencionado.» (*Diccionario de términos filológicos*).

V. também Marouzeau, *Lexique de la terminologie linguistique*, «syntaxe».

(15) Louis Kukenheim, *Esquisse historique de la linguistique française*, p. 35.

(16) «A verdade, observarei eu, é que, em relação à língua portuguesa, o terreno da sintaxe, embora fértil, continua a ser pouco explorado.

Se excetuarmos Júlio Moreira, Epifânio Dias, Mário Barreto e Said Ali — e mesmo os três primeiros com bastantes restrições, visto se terem limitado, geralmente, a registrar fatos sem procurar explicá-los — poucos mais sintaxistas verdadeiramente expressivos haverá a mencionar". (Manuel de Paiva Boléu, *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*, pp. 93-4).

Verdade é que recentemente houve uma intensa renovação de interesse para com a sintaxe, provocada principalmente por Noam Chomsky, do Massachusetts Institute of Technology. As razões por que durante várias décadas a lingüística descritiva deu ênfase primordial ao sistema de sons das línguas, com relativamente pouca atenção dada ao significado ou à sintaxe, acham-se expostas por R. W. Langacker em *A Linguagem e Sua Estrutura*, p. 18.

temporais no francês arcaico, este com cerca de 600 páginas!<sup>17</sup> Além disso, separando-se esses tipos de orações do conjunto das adverbiais, corria-se o risco de se perder a visão do todo. Pareceu conveniente, portanto, apresentar o conjunto das orações adverbiais, pelo menos como pano de fundo, e chamar a atenção para os casos menos estudados. Talvez tenha certa originalidade o estudo das causas intensivas; das causais e finais irrealis; das concessivas indefinidas; das orações introduzidas por *ao passo que*, *além de*, *em vez de*; das relações de conectivos, matérias que não se encontram geralmente em outras obras.<sup>18</sup>

Numa época em que se insiste tanto na importância do estudo da língua falada, estranhar-se-á que este trabalho faça a ela apenas referências restritas e casuais.<sup>19</sup> Acontece que a linguagem falada é relativamente pobre em orações subor-

- 
- (17) Angela Vaz Leão, *O Período Hipotético Iniciado por SE*, Belo Horizonte, 1961. Paul Imbs, *Les propositions temporelles en ancien français*, Paris, Les Belles Lettres, 1956. Outro trabalho é citado pelo professor Kurt Baldinger, que fez uma crítica desta dissertação na revista *Zeitschrift für Romanische Philologie*, 1970, band 86 Heft 5/6, p. 672: «Es ist natürlich ein unmögliches Unterfangen, in einer Arbeit von 140 Seiten sämtliche unterordnende Konjunktionen (kausal, final, konzessiv, temporal, etc.) in allen romanischen Sprachen behaldeln zu wollen. Besser wäre es gewesen, etwa nach dem Muster von Klare, den der Verf. nicht kennt (Entstehung und Entwicklung der konzessiven Konjunktionen im Französischen, Berlin 1958), ein Kapitel und nur für das Portugiesische zu bearbeiten. Immerhin enthält die Arbeit manche Belege zum Portugiesischen aus eigener Lektüre.»
- (18) Como se disse anteriormente, para esta *Miscelânea* foram escolhidas apenas essas partes do trabalho que parecem mais originais, exceto as relações de conectivos. Ficam também para outra ocasião as observações sobre a modificação de orações adverbiais por advérbios, o entrelaçamento de orações subordinadas por meio de elementos correlativos, bem como os processos de encaixar e depreciar as afirmações contidas em orações subordinadas.
- (19) A lingüística moderna vem dando especial atenção à linguagem falada e popular, até agora relegadas a segundo plano. Basta citar os trabalhos de Werner Beinhauer, *El español coloquial*; Charles E. Kany, *Sintaxis hispanoamericana*; Earl W. Thomas, *The Syntax of Spoken Brazilian Portuguese*. Embora tenha procurado evitar uma posição purista ou normativa, confesso minha preferência pelo estudo da linguagem escrita literária. «É justo que a gramática normativa dê grande atenção à língua escrita. É ela que a escola tem de ensinar em primeira mão. Acresce o primado da língua escrita nas sociedades do tipo do nosso, dito «civilizado». Aí, do ponto de vista sociológico, a língua escrita se sobrepõe inelutavelmente à língua oral, pois rege toda a vida geral e superior do país. ( ) Dá-se assim uma inversão, em termos sociais, da verdade puramente lingüística de que a escrita decorre da fala e é secundária em referência a esta.» (Matoso Câmara Júnior, *Estrutura da Língua Portuguesa*, p. 10).

dinadas adverbiais; a tendência geral é usar orações absolutas, justapostas ou coordenadas.<sup>20</sup> E especialmente não era minha intenção estudar a linguagem falada, mas sim a linguagem escrita literária.

Não é necessário insistir no interesse da comparação das línguas. Entretanto, além das gramáticas das línguas românicas de Diez, Meyer-Lübke e Lausberg, não conheço outras obras que estudem em conjunto a sintaxe das línguas românicas. Aqui procuro fazer um estudo comparativo das orações

(20) Vide Walther von Wartburg, *Problèmes et méthodes de la linguistique*, p. 104. Mário Barreto, *Através do Dicionário e da Gramática*, cap. XV, pp. 94-5; *Últimos Estudos*, pp. 14-6. Silvio Elia, *Dicionário Gramatical*, «Parataxe».

«A causa do aparecimento da subordinação é puramente intelectual, pois seu desenvolvimento e aperfeiçoamento é um traço próprio das línguas mais evoluídas, que procuram expressar o pensamento de maneira mais lógica. Só com o desenvolvimento da língua é que surgem as vozes de relação, especialmente os pronomes relativos (faltam em algumas línguas) que, por sua natureza, unicamente aparecem em orações dependentes. ( ) A hipotaxe é de época relativamente moderna e de formação gradual e inconsciente (supõe amadurecimento intelectual). Os meios gramaticais de que dispomos hoje para marcá-la são tidos como anteriores à sua existência.» (F. da Silva Borba, *Introdução*, pp. 365-6).

«Entre estes três modos de agrupamento das idéias: *subordinação, coordenação, justaposição*, muitas vezes só há uma diferença de *forma*, não uma diferença de *sentido*; apenas, de um a outro, o liame lógico que une as idéias é cada vez menos marcado. / Afastando-se do latim, que ligava fortissimamente as idéias, e tornando-se uma língua expedita, rápida e cômoda, o francês empregou menos freqüentemente as conjunções subordinativas e mesmo as coordenativas, de sorte que o modo de construção que se torna habitual é a justaposição. Essa mudança aparece claramente se se compara a frase de Bossuet, a de La Bruyère, a de Voltaire». (Crouzet, Berthet et Galliot, *Grammaire française*, § 328, p. 146).

«O tipo mais simples de ligação de orações independentes é o de justaposição, ou assindeto, que só se baseia na pontuação: modo sintático que em tempos recentes deixou de ser mera arquitetura das palavras e se arvorou em feição de culto do fragmentismo.» (Giacinto Manuppella, *A Língua Italiana*, vol. II, § 80, p. 53).

«Nas línguas primitivas, como nos falares populares, a coordenação ou parataxe é bem mais empregada que a subordinação. Começa-se por justapor as frases antes de subordiná-las uma às outras. Eis o que diz a esse respeito A. Meillet: 'A língua falada, que dispõe de todas as variações da voz e, ademais, do gesto, não tem necessidade de exprimir por meio de palavras especiais as ligações entre as idéias tanto quanto o faz a língua escrita'. / As conjunções são principalmente necessárias na linguagem solene ou ritual, em que a gente dispõe menos livremente das inflexões da voz; elas são indispensáveis na língua escrita. É por isso que o discurso tenso e a língua literária conservam sempre um grande número de conjunções, substituídas ou desprezadas pela língua falada.» (Kr. Nyrop, *Grammaire historique*, vol. VI, § 139, pp. 146-7).

subordinadas adverbiais, tomando como centro o português e estendendo o exame especialmente às línguas românicas mais conhecidas entre nós: espanhol, italiano e francês. Incluo agora algumas observações sobre o galego que, apesar de ter constituído com o português um só idioma e ser ainda hoje muito semelhante à nossa língua, é ignorado entre nós. Essa inclusão foi possível graças à atenção e gentileza do Professor Ricardo Carballo Calero, da Universidade de Santiago de Compostela e autor da *Gramática elemental del gallego común*, o qual me respondeu em carta de janeiro de 1971 às consultas que lhe fiz sobre os tipos de oração que são estudados aqui.<sup>21</sup> A presença do latim serve de salientar as semelhanças e principalmente as diferenças entre as línguas românicas e o velho tronco de onde provieram, mostrando assim quanto houve de criação e inovação na sintaxe do período composto. E aí está um campo inexplorado para quem quiser procurar a origem de várias construções que aqui apenas descrevo e tento interpretar.<sup>22</sup>

As convenções são poucas. Na citação de exemplos, forçosamente muito numerosos num trabalho da natureza deste, dispenso as aspas por considerá-las desnecessárias, segundo a prática de diversos autores, igualmente antigos que modernos.<sup>23</sup>

- (21) «Verbo das consultas que me tem feito sobre aspectos sintácticos do galego, diréille que tres séculos de silencio literario e de lingua oficial castelá, nivelaron case completamente coa désta a sintaxe do galego falado, e do literario renacido no século XIX. Conserváronse, endebén, algúns xiros enxebremente galegos; pero a construción de oracións segue por vía de regra as normas do español xeral.»
- (22) Apesar de uma crítica quase unânime e um pouco severa contra a inleigo, diréille que tres séculos de silencio literario e de lingua oficial castelán deste estudo, conservo-as aqui, e especialmente agora, visto que se referem única e exclusivamente às construções pouco conhecidas e não estudadas pelos tratadistas tradicionais. Quis mostrar que essas construções não são excepcionais nem mesmo fora do domínio românico. Eliminadas do texto, porém, essas referências foram relegadas às notas de rodapé.
- (23) Autores *igualmente* antigos *que* modernos. Causou estranheza, com razão, essa correlação *igualmente*... *que*, a qual, de fato, é praticamente desusada. Como se poderá observar no decorrer deste trabalho, evito em geral o preciosismo e o rebuscamento da linguagem, procurando usar as construções mais frequentes no português de hoje. Neste caso, porém, não consegui resistir à tentação e deixei escapar o preciosismo, de que apresento alguns exemplos: «uma sentença igualmente compendiosa que verdadeira» (Bernardes, *Os Últimos Fins do Homem*, 1728, p. 165). «outras infinitas miudezas igualmente impertinentes que ridículas» (Idem, *Nova Floresta*, vol. I, 1706, p. 176). *Ibidem*, p. 339. Antônio Pereira de Figueiredo, 1866, *Juízes*, 20.16. Camilo, *Coração, Cabeça e Estômago*, 2.ª ed., p. 83. Idem, *O Bem e o Mal*, 7.ª ed., cap. II, p. 30. Idem, *Mosaico e Silva*, p. 113. Mário Barreto, *Novíssimos Estudos*, 2.ª ed., p. 12.

A inicial minúscula indica que o exemplo não foi copiado desde o começo, e a ausência de ponto final mostra que o período não se transcreveu até o fim; os parênteses vazios ( ) assinalam a omissão de palavras no texto citado. Os exemplos vêm em tipo menor, o que serve para os distinguir do resto do texto. Os colchetes separam palavras minhas entressachadas num texto citado. Nas citações bibliográficas os colchetes distinguem as indicações que não constam do frontispício das obras citadas, mas em outra parte (verso da página de rosto, capa, colofão). Foram traduzidas as citações de textos estrangeiros; apesar, porém, de algumas diferenças de vocabulário, não vi sentido em «traduzir» textos galegos.

E aqui ficam os agradecimentos a todos quantos auxiliaram a realização deste trabalho: ao Prof. Dr. Teodoro Henrique Maurer Júnior, o orientador inicial, que me sugeriu o tema; ao Prof. Dr. Isaque Nicolau Salum, o orientador do trabalho, que sempre me atendeu com boa vontade e redigiu de próprio punho mais de duzentas observações no exemplar apresentado para a defesa; ainda que eu tenha tentado aproveitá-las, nem sempre terei conseguido ou terei sabido fazê-lo como convinha; aos outros dois membros da Banca Examinadora, Professores Doutores Sigismundo Spina e Cidmar Teodoro Pais, cujas críticas e sugestões, provenientes do saber e da experiência, me abriram os olhos para problemas, lacunas e defeitos do trabalho. Fique, porém, bem claro, que a inteira responsabilidade de erros e senões que persistem ou aparecem agora nesta reelaboração é inteiramente minha. Agradeço ainda ao Prof. Dr. Atabila Teixeira de Castilho, Titular da Disciplina de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia de Marília, que me tem incentivado e ajudado constantemente e que, tendo solicitado para mim uma bolsa de estudos em Portugal, possibilitou meu afastamento da Faculdade, assumindo, até, encargos que eram meus; à Fundação Calouste Gulbenkian de Lisboa, que me concedeu uma bolsa de estudos, permitindo-me uma permanência de seis meses em Coimbra, onde pude entrar em contacto com os Professores Doutores Manuel de Paiva Boléu e J. G. Herculano de Carvalho, contacto que me foi extremamente proveitoso.

A quantos, finalmente, se dignarem ler o trabalho e enviar-me suas críticas, meus agradecimentos antecipados.

## INTRODUÇÃO

Em geral se afirma que o período composto pode ser formado por coordenação ou subordinação. De algum tempo a esta parte alguns autores brasileiros acrescentam a justaposição e a correlação às antigas divisões. Os principais defensores dos quatro processos são José Oiticica e Rocha Lima.<sup>24</sup>

G. C. de Melo não se refere à justaposição, mas admite a correlação como um terceiro processo ao lado da coordenação e da subordinação.<sup>25</sup>

A Nomenclatura Gramatical Brasileira, assim como a Portuguesa, não incluem nenhuma das duas novas divisões, e Evanildo Bechara e Matoso Câmara se declaram francamente contrários à inovação.<sup>26</sup>

Em vez de se falar em processos, melhor seria dizer que o período composto pode ser formado por orações independentes ou por orações principais e subordinadas. Muitos supõem que coordenação e subordinação são fenômenos afins, o que não é verdade. O termo *coordenação* é usado em dois sentidos: pode referir-se à natureza de uma oração ou ao modo de ligação das orações; assim, *oração coordenada* pode significar, por um lado, *oração independente*, e por outro *oração justaposta* ou *conexa*. Para evitar confusão, há quem diga «orações independentes coordenadas».<sup>27</sup>

O conceito de subordinação é de essência, e se refere à natureza da oração; o de coordenação, no sentido de modo de ligação das orações, é acidental, e não interfere na natureza das orações. Por coordenação se podem unir orações da mesma natureza; uma independente a outra independente, uma principal a outra principal, uma subordinada a outra subordinada. Trata-se, pois, de um processo formal de ligação ou relacionamento de orações que não se opõe, de modo nenhum, à subordinação; tanto assim que pode haver orações subordi-

---

(24) José Oiticica, *Manual de Análise*, 10.<sup>a</sup> ed., 1953, pp. 244-5 e 248. *Teoria da Correlação*, 1952, com 2.<sup>a</sup> ed. em 1962. Rocha Lima, *Gram. Normativa*, 2.<sup>a</sup> ed., pp. 258-60 e 261-3.

(25) G. C. de Melo, *Iniciação à Filologia Portuguesa*, 3.<sup>a</sup> ed., p. 191. *Novo Manual de Análise Sintática*, 3.<sup>a</sup> ed., pp. 113-25. *Gram. Fundamental*, 1968, pp. 237-42.

(26) E. Bechara, *Lições de Português*, 2.<sup>a</sup> ed., pp. 127-8. Matoso Câmara, *Dispersos*, pp. 64-9.

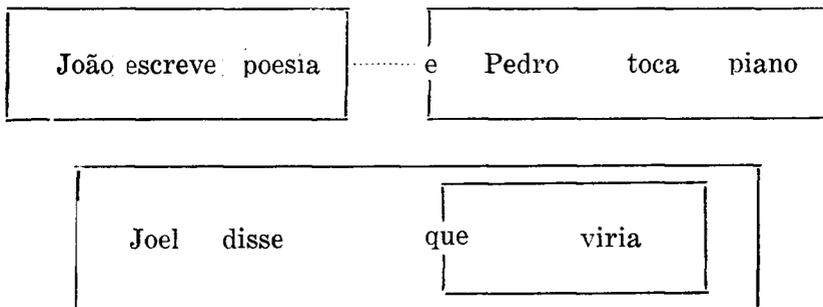
(27) A. da Gama Kury, *Lições de Análise Sintática*, 5.<sup>a</sup> ed., 1970, § 83, p. 58.

nadas a uma mesma principal e coordenadas entre si — isto é, são por natureza orações subordinadas, e estão ligadas («coordenadas») entre si. Observe-se o seguinte trecho:

se esta representação vos não enternecer e tiveres entranhas para o ver sem grande dor, executai-o embora. (Vieira, *Sermões*, vol. III, 1683, p. 486)<sup>28</sup>

Há nele uma oração principal (*executai-o embora*) a que se subordinam as duas outras (*se esta representação vos não enternecer e tiveres entranhas para o ver sem grande dor*); na segunda a conjunção subordinativa está subentendida. Trata-se de orações adverbiais coordenadas entre si. Vê-se, portanto, que coordenação e subordinação são fenômenos distintos que podem coexistir.

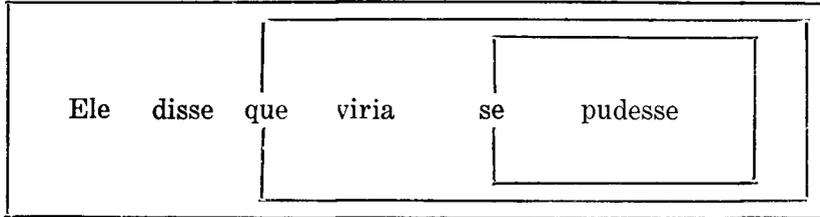
Convém lembrar que subordinada é a oração que se apresenta como termo ou elemento de outra oração, denominada por isso *principal*.<sup>29</sup> Oração principal é a que tem pelo menos um de seus termos em forma de oração. Graficamente se poderiam fazer as seguintes representações (as elipses representam termos da oração, os retângulos as orações):



(28) Causa tanta estranheza esse «vós tiveres» que parece necessário justificá-lo. No tempo de Vieira era comum, posto que não sistemática, a omissão do *d*, o que identificava a forma da segunda pessoa do plural com a da segunda do singular. O restabelecimento da dental se deveu a uma reação conservadora. Depois de apresentar vários exemplos de formas sem *d*, Said Ali explica: «A manutenção definitiva da dental deve-se naturalmente à necessidade ou conveniência, no tratamento cerimonioso, de diversificar a 2.ª do plural da 2.ª do singular.» (*Gram. Histórica*, § 633, pp. 130-1).

(20) A Nomenclatura Portuguesa não usa o termo «principal», mas «subordinante».

Como se vê, a subordinada faz parte, fica dentro da principal. Uma subordinada pode ser elemento de outra subordinada:



É indispensável salientar que são coisas diferentes a *natureza*, o *valor*, a *função* das orações, e o *modo de ligação* entre elas.

Quanto à *natureza* as orações podem ser independentes, subordinadas e principais. Entre as independentes se incluem as absolutas, as independentes justapostas («coordenadas assindéticas») e as independentes conexas («coordenadas sindéticas», simples e correlativas); as subordinadas são dependentes, as principais subordinantes.

Quanto ao *valor*, as orações subordinadas podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais.

Quanto à *função* podem as subordinadas ser subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, predicativas, completivas nominais, apositivas (as substantivas); adjuntos adnominais (as adjetivas restritivas), apostos (as adjetivas explicativas); adjuntos adverbiais (as adverbiais).

Quanto ao *verbo*, as subordinadas podem ser desenvolvidas (indicativo, subjuntivo) ou reduzidas (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

Quanto ao *modo de ligação* as orações podem ser justapostas (as que não têm conectivo) ou conexas (as que têm conectivo).

Por justaposição (conceito de acidente) podem unir-se orações independentes (*natureza*), e podem ligar-se às principais as subordinadas sem conectivo.

A conexão (conceito de acidente) é simples quando as orações são ligadas por conjunções ou relativos; por conexão simples podem ligar-se orações independentes («coordenadas

sindéticas»); pelo mesmo processo se ligam às principais as subordinadas conjuncionais e as adjetivas introduzidas por relativo.

A conexão é enfática quando a ligação entre as orações é mais forte. Nesse caso há na primeira oração um elemento que avisa o ouvinte que a seguir vem uma segunda oração; nesta aparece outro elemento que corresponde ao elemento «prevenidor» da primeira. O processo é muito conhecido e tem sido denominado «correlação». Por conexão enfática ou correlação podem ligar-se entre si orações independentes ou dependentes. Uma subordinada pode ligar-se por correlação à principal (como no caso das consecutivas), duas subordinadas podem ligar-se (coordenar-se) entre si por correlação.

Há conexão simples em:

Sustenta a família *E* ajuda os pobres.

Há conexão enfática ou correlação em:

*NÃO SÓ* sustenta a família *MAS TAMBÉM* ajuda os pobres.

Trata-se de um *processo de ligar orações*, que não afeta em nada a natureza delas. Observe-se:

Saiu da sala *porque* estava cansado *E porque* não gostava do visitante

Há aí duas subordinadas ligadas entre si por conexão simples. Note-se:

Saiu da sala *NÃO SÓ porque* estava cansado *MAS TAMBÉM porque* não gostava do visitante

As duas subordinadas estão ligadas entre si por conexão enfática, ou correlação.

Não é a mesma coisa, a meu ver, o que sucede com certas conjunções que aparentemente têm um elemento «correlativo» na oração principal:

*posto* figure aqui o próprio Aires, () *nem assim* deixava de ser a narrativa estranha à matéria (Machado de Assis, *Esau e Jacó*, p. 5)

Embora haja ênfase nesses casos, não há aí correlação, nem conexão enfática; o que se enfatiza não é a ligação das orações, mas a noção expressa pela oração subordinada. Precisamente por não ser obrigatória a presença do segundo ele-

mento é que ele se presta para realçar a noção adverbial indicada pela oração dependente; não pode ser enfático um elemento cuja presença na oração é obrigatória. Comparem-se:

*Embora* tivesse estudado bastante, não conseguiu ser aprovado.

*Embora* tivesse estudado bastante, *contudo* não conseguiu ser aprovado.

No segundo exemplo, o advérbio de concessão *contudo* vem retomar, na oração principal, a noção de concessão, já expressa na subordinada pela conjunção *embora*. Dessa maneira, ainda que o ouvinte se houvesse esquecido de que a primeira oração era concessiva, a presença de um advérbio de concessão na oração principal vem recordar-lhe o fato.

Esses advérbios exprimem a mesma noção que o conectivo da subordinada: *quando... então* (tempo); *assim como... assim também* (comparação); *como... por isso* (causa); *ainda que... contudo* (concessão); *longe de... pelo contrário* (substituição):

Quando estou fraco, *então* estou forte. (*II Corintios*, 12.10)

a complexa delicadeza de um navio de guerra moderno, *longe de* ser vantagem real, será *pelo contrário* origem contínua de confusão, perplexidade e fraqueza. (Rui Barbosa, *Cartas de Inglaterra*, p. 267)

*onde* há ciúme e contenda, *ali* há inconstância e toda a obra má. (Figueiredo, *Tiago*, 3.16)

A nós, hoje, parece estranho o costume de escritores mais antigos de inverter a ordem das orações de modo a aparecer antes o advérbio enfatizante e depois a subordinada:

Vulgar mas certíssima sentença é aquela de que *então* doem todos os membros *quando* a cabeça está doente. (F. M. de Melo, *Carta de Guia*, cap. XLV, p. 208)

*então* mais facilmente se delinqüe, *quando* o delito se dá por seguro de suspeita. (Bernardes, *Floresta*, vol. II, pp. 288-9)

Como não há advérbio de condição, depois de uma oração condicional o que se usa é um advérbio de concessão:

*Se* Deus não quer que as minhas contas com o infortúnio estejam saldadas, casa *embora* com Leonor. (Camilo, *Romance de um Homem Rico*, cap. XII, p. 173)

Com construções diferentes muitas vezes não é o sentido que varia, mas a ligação das orações é que se torna mais explícita:

É um rapaz simpático, possui grande talento.

É um rapaz simpático *E* possui grande talento.

*ALÉM DE* ser um rapaz simpático, possui grande talento.

*ALÉM DE* ser um rapaz simpático, possui *TAMBÉM* grande talento.

*NÃO SÓ* é um rapaz simpático, *MAS TAMBÉM* possui grande talento.

A fim de evitar confusões, convém distinguir os casos de equivalência semântica ou estilística de certas construções e os casos de interferência de diversas noções numa mesma construção.

Vai e verás.

Ele é bom mas não gosto dele.

Esses períodos são semanticamente equivalentes a estoutros:

Se fores, verás.

Embora seja bom, não gosto dele.

No primeiro caso, porém, temos orações independentes, no segundo subordinadas e principais. Semelhança de sentido, portanto, não exige identidade de construção.

Em certas construções há superposição, ou interferência, de duas ou mais noções, de tal modo que não é possível dizer qual delas é a predominante. Talvez se possa dizer que há então ambigüidade ou polissemia. Casos há, é verdade, em que a predominância de uma das noções é flagrante, sendo a outra bastante secundária. Alguns gramáticos, paradoxalmente, classificam certas construções de acordo com a noção secundária, quase apagada, deixando de lado a noção principal, que se apresenta com toda a evidência. Naturalmente nesses casos não se pode falar em interferência, como sucede muitas vezes nas orações reduzidas de gerúndio, que acumulam as noções de tempo e causa, ou tempo, causa e modo, simultaneamente.

É um tanto controvertido o conceito de locução conjuntiva. Soares Barbosa rejeitava-o, e rejeitam-no modernos linguístas

como Bernard Pottier e Herculano de Carvalho.<sup>30</sup> Preferi, porém, atentar para o resultado final, para o último estágio a que chegou a gramaticalização de uma construção, a desmembrá-la em suas partes constituintes,<sup>31</sup> e há autores que continuam a admitir o conceito de locução conjuntiva.<sup>32</sup>

É verdade que em certos grupos de palavras se sente ainda o valor individual dos elementos componentes; não se consumiu ainda a gramaticalização. O falante comum não é capaz de decompor a conjunção *embora* em seus elementos constituintes, nem vê sentido nenhum nessa decomposição. A locução *ainda que* é sentida como um todo único. Mas em *mesmo quando* se percebem ainda as noções de inclusão e tempo, que dão como resultado a noção de concessão.

Para terminar, transcrevo as observações de Gladstone Chaves de Melo a respeito das construções analisáveis: «Uma observação importante também é que só são analisáveis as frases conceituais ou aquelas em que o elemento racional predomina sobre o elemento emotivo ou o ativo. Uma frase como — «Fogo!» — é inalisável, do mesmo modo que o é um anacoluto. Certos teóricos supõem resolver a dificuldade, substituindo a frase por outra equivalente e analisando a segunda. A verdade é que ficamos na mesma, pois a primeira continua inalisada. ( ) Quando dizemos que só se analisam frases conceituais, queremos referir-nos à análise racional, que vai discriminar as partes que normalmente se encontram numa

(30) O Prof. Pottier expôs sua posição numa palestra proferida na Aliança Francesa de São Paulo, há poucos anos. Em conversa particular o Dr. Herculano de Carvalho afirmou concordar com o lingüista francês; foi no seu exemplar da *Gramática Filosófica*, e na mesma ocasião, que verifiquei o que dizia Soares Barbosa (2.<sup>a</sup> ed., 1830, p. 347).

(31) «GRAMATICALIZAÇÃO — Processo que consiste em transformar vocábulos lexicais, ou palavras ( ), providos de sementema, em vocábulos gramaticais ( ). É em princípio a origem diacrônica de todos estes últimos vocábulos.» (Matoso Câmara, *Dicionário de Filologia*). Alguns preferem dizer «lexicalização».

(32) Sílvio Elia, *Dicionário Gramatical*, «Locução». Matoso Câmara, *Dicionário de Filologia*, 3.<sup>a</sup> ed., «locução». A Nomenclatura Gramatical Brasileira e a Portuguesa. Lázaro Carreter, *Diccionario de términos filológicos*, 2.<sup>a</sup> ed., «locución». Marouzeau, *Lexique de la terminologie linguistique*, 1961, «locution». Le Bidols, *Syntaxe du français moderne*, 1967, vol. II, § 1119, p. 228. Chevalier et alii, *Grammaire Larousse du français contemporain*, [1964], §§ 74 e 186, pp. 56 e 124. Celso Cunha, *Gramática da Língua Portuguesa*, p. 543. E. Bechara, *Gramática*, p. 195. Entre os mais antigos: Sousa Lima, *Gramática*, § 312, p. 218. Carlos Pereira, *Gramática*, § 282, p. 172. Epifânio Dias, *Gramática*, § 25, Obs., p. 17.

proposição. Aquela outra análise intuitiva é claro que se faz de qualquer frase, uma vez que se lhe perceba o conteúdo significativo.<sup>33</sup>

### 1. Orações subordinadas adverbiais aditivas

*além de* repugnar-lhe o escândalo, sorriu-lhe a idéia de ter um tutor a quem dominasse. (Alencar, *Senhora*, Melhoramentos, 8.<sup>a</sup> ed., II parte, cap. VIII, p. 163)

Indicam as orações aditivas um fato a que se acrescenta outro, expresso na oração principal. Ainda que equivalham pelo sentido às independentes aditivas, não se confundem com elas. Tanto em português como em outras línguas, as subordinadas aditivas são introduzidas por locuções conjuntivas subordinativas; ou por preposições, quando reduzidas de infinitivo; e equivalem a um adjunto adverbial de adição. Comparem-se:

É bonita e tem muito dinheiro.

Não só é bonita mas também tem muito dinheiro.

Além de ser bonita, tem muito dinheiro.

Nos dois primeiros exemplos há orações independentes coordenadas entre si; no terceiro há uma subordinada aditiva seguida de uma principal. No exemplo de Alencar, à repugnância que causava o escândalo, veio juntar-se a circunstância de haver sorrido à personagem a idéia de ter um tutor a quem dominasse.

2. Nem a Nomenclatura Gramatical Brasileira nem a Portuguesa se referem às orações subordinadas aditivas. Apesar das gramáticas francesas as virem estudando há muito tempo — como se verá adiante —, as italianas, espanholas e portuguesas não as mencionam, embora tal tipo de oração não seja raro nem moderno.<sup>34</sup>

3. É verdade que Evanildo Bechara faz referência às orações de infinitivo precedido de *sobre*, mas classifica-as como reduzidas independentes, afirmando que exprimem adição en-

(33) Gladstone Chaves de Melo, *Iniciação à Filologia Portuguesa*, 3.<sup>a</sup> ed., cap. IX. Vejam-se no *Dicionário* de Matoso Câmara os verbetes «Afetividade» e «Linguagem».

(34) O mesmo sucede com as gramáticas inglesas.

fática.<sup>35</sup> Gama Kury segue-o de perto, reproduzindo-lhe o exemplo citado e aceitando a noção de adição enfática; não é de admirar, pois, que este último coloque francamente a oração como um tipo das independentes coordenadas, ao lado de outras, justapostas ou ligadas por *e*, *não só... mas também*.<sup>36</sup> Eis os exemplos citados:

É que as toucas e lencinhos pudibundos, *sobre não serem* mui sedutores, algumas vezes tornam a virtude rançosa (Camilo, *A Queda dum Anjo*, cap. XXI, p. 111 da ed. de 1953 da Organização Simões; p. 177 da 2.<sup>a</sup> ed., de [1873])

Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser* purificante e antipútrida, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes. (Idem, *ibidem*, cap. XX, p. 108 da ed. de 1953 e p. 171 da 2.<sup>a</sup> ed.)

4. Admitir que tais orações sejam independentes parece estranho.<sup>37</sup> Há orações absolutas reduzidas de infinitivo; há também orações independentes alternativas reduzidas de infinitivo não regido de preposição («Ou ficar a Pátria livre, ou morrer pelo Brasil»); mas considerar independentes as orações regidas de preposição parece insólito. Seria, pelo menos, um caso único, já que não existem adversativas, nem alternativas, nem conclusivas reduzidas de infinitivo regido de preposição. Como se vai ver, em outras línguas elas são dependentes, e o mesmo acontece em português. É mais coerente, outrossim, alinhá-las com as subordinadas adverbiais, uma vez, também, que existem adjuntos adverbiais de adição.

5. Gama Kury inicia a relação dos adjuntos adverbiais com os de «*acréscimo: Além da medalha, ganhou vários prêmios*».<sup>38</sup> Sousa Lima classifica como «complemento circunstancial de acréscimo» o do seguinte exemplo:<sup>39</sup>

(35) Bechara, *Moderna Gramática*, 3.<sup>a</sup> ed., p. 290. V. também do mesmo autor as *Lições de Português*, 2.<sup>a</sup> ed., [1961], pp. 189 e 207.

(36) Gama Kury, *Lições de Análise Sintática*, 5.<sup>a</sup> ed., [1970], § 83 f, p. 59.

(37) Existe também um tipo de subordinadas comparativas contrastivas (cf. infra § 48), que se assemelham muito, pelo sentido, às independentes adversativas, sem se confundirem com elas quanto à natureza. O mesmo acontece com as independentes explicativas e as dependentes causais, embora neste caso seja praticamente impossível ver diferença entre elas; Bechara propõe que se elimine a distinção entre coordenadas explicativas e subordinadas causais (*Lições de Português*, p. 134, nota de rodapé). Em sua *Sintaxis*, Gill y Gaya não diz nada a respeito de orações independentes explicativas.

(38) Gama Kury, *Lições de Análise*, § 64, p. 48.

(39) Sousa Lima, *Gramática Expositiva*, 1937, § 67, pp. 48-9.

A luz, sem ser muito intensa, era-o demais para ladrões; *além disso* notei que era fixa e igual (Machado de Assis, *Várias Histórias*, p. 31; p. 29 da ed. Jackson de 1952)

6. Em português os adjuntos adverbiais de adição podem ser constituídos por um advérbio apenas:

Mais (), *adv.* também; além disso: E *mais* se dizia que por uma noite de lua cheia... (Camilo.) (Aulete, *Dicionário*, 2.<sup>a</sup> ed. s.v.)

*Demais*, o espanto de D. Dorotéia () foi tal que me tirou o ânimo de rejeitar. (Júlio Dinis, *A Morgadinha dos Canaviais*, 1952, cap. II, p. 30). Também em Machado de Assis, *Ressurreição*, Garnier, cap. III, p. 35.

E *ademais*: ela terá vinte anos, se tiver, e tu já vais nos quarenta e seis (Camilo, *Os Brilhantes do Brasileiro*, 7.<sup>a</sup> ed., 1951, cap. XV, p. 113)

Ou por alguma expressão:

E desde essa noite não tornei a encontrar a mana de V. Ex.<sup>a</sup> em intimidade. Apenas de longe, na missa...

*De resto*, pouco residia agora em Oliveira (Eça de Queirós, *A Ilustre Casa de Ramires*, 1966, cap. III, p. 95)

Rigorosamente podíamos dispensar-nos de falar todos os dias; era até melhor, metia a saudade de permeio nos amores. *Aos demais*, eu galgara os quarenta anos, e não era nada, nem simples eleitor de paróquia. (Machado de Assis, *Memórias Póstumas*, INL, cap. XCIX, p. 247). Também em *Quincas Borba*, cap. CXVIII, p. 253, § 1142 *in fine*.

Não vos fieis de que sois bautizados, e que tendes fé e doutrina, e recebeis a sagrada comunhão, e esperais em Deus; porque isso tudo tem<sup>40</sup> os fiéis que se condenam, e contudo são muito mais em número do que os que se salvam. É necessário *de mais a mais* agradar a Deus com virtudes e santas obras. (Bernardes, *Os Últimos Fins do Homem*, 1728, p. 203)

A pessoa que (), tendo achado alguma coisa perdida, e sobre negá-la acrescenta um juramento falso (), restituirá ao dono a quem fez o dano por inteiro tudo o que quis usurpar por fraude, e *de mais a mais* a quinta parte. (Figueiredo, *Levítico* 6.2-5)

esquisita sensibilidade que chora mortos desconhecidos, e, *de mais a mais*, defuntos de novelas. (Camilo, *Memórias de Guilherme do Amaral*, 5.<sup>a</sup> ed., 1918, cap. V, p. 57) Também nos *Doze Casamentos Felizes*, 8.<sup>o</sup> ed., 1947, Quarto Casamento, cap. IV, p. 66; Júlio Dinis, *Uma Família Inglesa*, 1948, cap. XXIII, p. 176; *Serões da Província*, 1955, p. 209.

(40) Até o começo do século passado não se fazia distinção entre *tem* e *têm*, *vem* e *vêm*; *crê*, *dê*, *vê*, *lê* opunham-se a *crem*, *dem*, *vem*, *lem*. Cf. Epifânio Dias, *Gramática Elementar*, 11.<sup>a</sup> ed., 1901, § 84, p. 58, nota 2; p. 62, verbo *ter*, *Obs.* 1. A distinção atual, imposta pelos gramáticos, não aparece na linguagem falada nem na poesia.

7. Ou então podem os adjuntos adverbiais de adição ser introduzidos por *afora*, *demais de*, *ademais de*, *por cima de*; *sobre* é literário, *além de* é o mais comum:

E que *sobre mirrados*, *sobre afogados*, *sobre comidos*, ainda se vejam pisados e perseguidos dos homens: *Conculcatum est?* (Vieira, *Sermões*, vol. I, 1679, "Sermão da Sexagésima", § I, col. 9)

Interrogar a moça era inútil, *sobre perigoso*. (Machado de Assis, *A Mão e a Luva*, Jackson, [1957], cap. XV, p. 191)

E teve Salamão setenta mil que acarretavam as cargas, e oitenta mil caboqueiros no monte, *afora os aparelhadores* de cada obra (Figueiredo, *III Reis* 5.15-16) Também em Alexandre Herculano, *Inquisição*, vol. II, pp. 203-4; Camilo, *A Neta do Arcediogo*, 3.º ed., 1874, cap. II, p. 16; *A Filha do Dr. Negro*, 3.º ed., 1904, Prefácio, p. 11.

Os fidalgos que se embarcaram nesta armada, ( ) foram, *demais de D. João de Castro*, D. Afonso de Portugal ( ), D. Afonso de Vasconcelos (Jacinto Freire de Andrade, *Vida de D. João de Castro*, 1861, p. 8)

mandou aos oficiais que ( ) repusessem o dinheiro de cada um nos seus respectivos sacos, dando-lhes *demais disso* mantimentos para o caminho (Figueiredo, *Gênesis* 42.25)

*ademais da casa*, nosso ninho,  
Temos no arrabalde um lindo quintalinho.

(Castilho, tradução do *Fausto*, Rio de Janeiro, [1968], quadro XIII, cena I, p. 248)

às vezes tão salobre *por cima de escandalosa*, que se não pode nem deve sofrer (Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, Sá da Costa, vol. II, p. 52)

*Além de queda*, coice: cegara em plena pobreza. (Galeão Coutinho, *Confidências de Dona Marcolina*, [1949], cap. VIII, p. 50)

Se faltara com a verdade, era possível que tivesse razões para isso e, *além do mais*, este procedimento não lhe dizia respeito. (Osmã Lins, *O Visitante*, 2.º ed., cap. V, p. 39)

8. O adjunto adverbial de adição introduz-se em latim por *praeter*; em espanhol por *además de*, *sobre*; em italiano por *oltre*; em francês por *outré*, *en plus de*, *en sus de*.<sup>41</sup>

9. Parece que nem o latim clássico nem o vulgar conheceram construção semelhante à das adverbiais de adição. Deve tratar-se, portanto, de criação românica, e seria oportuno efetuar-se um exame de textos para se verificar em que época começou a ser usada a construção.

(41) Em inglês por *besides*, *in addition to*.

*em cima* de fazeres o mal, o ensinaste *também* aos outros (Figueiredo, *Jeremias*, 2.33)

por que não fugimos do mundo que nos quiere confundir, pois nos está ameaçando com a fim, *por cima* de nos estar enganando com suas lisonjeiras esperanças ( )? (Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, Sá da Costa, vol. II, p. 17)

— Pois o fidalgo ainda me ameaça com a justiça!... Pois ainda *por cima* de me fazer a maroteira, me ameaça com a cadeia!... (Eça de Queirós, *A Ilustre Casa de Ramires*, cap. V, p. 162)

*demais* de [as regras de línguas estranhas] serem inaplicáveis aos idiotismos portugueses, te são ignotas e mais difíceis. (Antônio de Morais Silva, *Epítome de Gramática Portuguesa*, 1913, p. I, 2.º col.)

livros há que, *ademais* de terem uma relação das “obras consultadas” ou “obras citadas” têm, *também*, uma “bibliografia” da matéria (Antônio Houaiss, *Elementos de Bibliologia*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1967, vol. II, p. 151)

### 13. *Juntamente* com pode ser um hápax:

a qual [nau] *juntamente* com ir negociar suas cousas às partes orientais, leva *também* os peregrinos que vão a Jerusalém (Fr. Pantaleão de Aveiro, *Itinerário da Terra Santa*, 7.º ed., Coimbra, 1927, cap. I, p. 7; a 1.ª ed. é de 1593)

### 14. As reduzidas de *afora* são raras:

a água dos poços, *afora* ser tão pouca, estava tão longe que [...] (Francisco de Andrade, *Crônica de D. João III*, cap. LII, p. 202, apud Magne, *Dicionário*, s.v.)

De então para cá, São Paulo, *afora* ter servido de tema de inspiração para Mário de Andrade e Alcântara Machado, ( ) transformou-se num grande centro cultural. (Massaud Moisés, in *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*, p. 226)

Earl Thomas consigna, sem nenhuma restrição, este estranho exemplo de *trás*:

*Trás* haver trabalhado o dia inteiro, ainda teve que andar a pé para casa. / In addition to working all day, he still had to walk home. (Earl Thomas, *The Syntax of Spoken Brazilian Portuguese*, [1969], § 440 b, p. 284)

Terá havido alguma confusão com o espanhol *trás de* (V. *infra* § 20)?

15. Oriunda do latim *super* através da forma arcaica *sôber*, a preposição *sobre* usa-se em sentido próprio e no figurado: «*sobre* queda couce, e daqui, *sobre* feia, indiscreta;

sobre ignorante, presumido.»<sup>43</sup> Seguida de infinitivo, a preposição *sobre* introduz uma oração subordinada aditiva. A construção, já anotada por Carneiro Ribeiro, é própria da linguagem escrita tensa.<sup>44</sup> É muito comum aparecer o verbo *ser*:

Felisberto Taveira, *sobre ser* rico, é um gentil moço. (Camilo, *Estrelas Propícias*, 2.<sup>a</sup> ed., cap. V, p. 43) Também no *Romance de um Homem Rico*, cap. VII, p. 132; cap. XVI, p. 212; *Coração, Cabeça e Estômago*, 2.<sup>a</sup> ed., 1864, p. 11; *O Esqueleto*, 8.<sup>a</sup> ed., 1948, cap. VII, p. 68; *O Bem e o Mal*, cap. I, p. 11 da 7.<sup>a</sup> ed. de 1917 e p. 39 da ed. de 1955 da Organização Simões; *Doze Casamentos Felizes*, Sétimo Casamento, cap. I, p. 107; *A Queda dum Anjo*, 2.<sup>a</sup> ed., cap. XXI, p. 177. De outros autores: Vieira, *Sermões*, vol. IV, p. 2; Euclides da Cunha, *Os Sertões*, 12.<sup>a</sup> ed., 1933, p. 573; Fernando Sabino, *A Companhia de Viagem*, [1965], p. 55.

Com outros verbos:

*sobre apartá-la* dos rigores da mãe, poupava-se a aumentar em casa as testemunhas do seu desgraçado viver (Camilo, *Estrelas Fúnebras*, 2.<sup>a</sup> ed., 1869, I parte, cap. II, p. 41) Também na II parte, cap. III, p. 139; *As Três Irmãs*, 8.<sup>a</sup> ed., 1922, I parte, cap. VIII, p. 100; *Coisas Espantosas*, cap. XXIII, p. 163; Machado de Assis, *A Mão e a Luva*, Jackson, cap. XV, p. 186; Rui Barbosa, *Cartas de Inglaterra*, 2.<sup>a</sup> ed., 1929, pp. 123, 270; Euclides da Cunha, *Os Sertões*, p. 66; Aquilino Ribeiro, *O Malhadinhas*, cap. IX, p. 144; Figueiredo, *Levítico* 6.2-5.

16. Em geral, porém, a oração infinitiva se constrói com *além de*, que é o conectivo mais comum, e próprio tanto da linguagem falada como da escrita. Os exemplos mais antigos que foi possível encontrar são do século XVI:

Em 1567: com muito maior fervor lhe recuperemos seu perdido estado, e () lho ofereçamos melhorado do que no-lo deixou. O que assi fazendo, *além de cumprirmos* com a leal servidão que lhe devemos, honra nossa é grande vingá-lo de seus imigos (Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Memorial das Proesas da Segunda Távola Redonda*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1867, cap. IV, p. 14)

se me houvera de pôr a contar por extenso todas as particularidades dela [vitória], assi do muito que os nossos fizeram como do grande esforço com que os inimigos se defenderam, *além de não ter* eu cabedal para tanto, me fora necessário fazer um processo muito mais largo (Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, vol. II, cap. LX, p. 3)<sup>45</sup>

(43) Soares Barbosa, *Gramática Filosófica*, 2.<sup>a</sup> ed., 1830, p. 324.

(44) Carneiro Ribeiro, *Serões Gramaticais*, 5.<sup>a</sup> ed., 1950, p. 652.

(45) Texto crítico preparado por Antônio José Saraiva, [1.<sup>a</sup> ed.], Lisboa, Sá da Costa, [1962], cotejado com a edição diplomática de Adolfo Casais Monteiro, [Lisboa], [1952]), vol. I, p. 328; a edição *princeps* data de 1614, mas o autor faleceu em 1583.

Em 1589: *além de carecerem* do lume da fé, tem escurecido o da razão.<sup>46</sup> (Fr. Amador Arrais, *Diálogos*, 1589, diálogo III, cap. XIV, fl. 74 b; p. 160 da ed. Rolandiana de 1846)

1752: Não foi difícil ao pai despachar uma petição que, *além de ser muito conforme com a sua devoção*, lhe pareceu justa (Manuel da Fonseca, *Belchior de Pontes*, cap. I, p. 5)

17. Exemplos modernos aparecem em variados autores, e também na linguagem da imprensa:

dizendo que sua filha, *além de estar* habituada a não cear, sentia um leve incômodo que a privava de vir à mesa (Camilo, *Estrelas Funestas*, 2.<sup>a</sup> ed., 1869, II parte, cap. III, p. 143)

— Pelo contrário, penso que deve aceitar. *Além de haver* consentimento de minha tia, parece ser um grande desejo do pai de Eugênia. (Machado de Assis, *Helena*, Jackson, [1952], cap. VIII, p. 88)

Como não há interesse em transcrever exemplos semelhantes, aqui se mencionam apenas as obras onde aparecem: Camilo, *Novelas do Minho*, vol. I, 5.<sup>a</sup> ed., 1945, p. 132; *Doze Casamentos Felizes*, 8.<sup>a</sup> ed., 1947, Sétimo Casamento, cap. II, p. 109; *Vingança*, cap. III, p. 29; cap. VI, p. 60. Alexandre Herculano, *Inquisição*, vol. II, p. 211. Machado de Assis, *Ressurreição*, X, 117; XIII, 143; XVIII, 198; *Esau e Jacó*, cap. VIII, p. 45; *Iaiá Garcia*, cap. XIII, p. 187; *Histórias da Meia-Noite*, «As Bodas de Luís Duarte», p. 99; *Relíquias de Casa Velha*, vol. I, «Suje-se Gordo!», p. 95; «O Caso Barreto», p. 284. José de Alencar, *O Garatuja*, cap. V, p. 33; cap. XVIII, p. 91; cap. XXII, p. 107; *Senhora*, II parte, cap. VIII, p. 163; *Til*, vol. II, cap. XXI, p. 146. Rui Barbosa, *Cartas de Inglaterra*, 2.<sup>a</sup> ed., p. 192. Aquilino Ribeiro, *O Malhadinhas*, pp. 18, 69, 106, 109, 145. Monteiro Lobato, *América*, 2.<sup>a</sup> ed., 1934, cap. IX, p. 71. Lima Barreto, *Clara dos Anjos*, [1948], cap. I, p. 27. Galeão Coutinho, *Confidências de Dona Marcolina*, [1949], cap. III, p. 20. Rubem Braga, *Um Pé de Milho*, 2.<sup>a</sup> ed., [1964], p. 176. Érico Veríssimo, *O Senhor Embaixador*, 2.<sup>a</sup> ed., [1965], cap. II, p. 11.<sup>47</sup>

18. Em galego, «Para as oracións que indican adición, ademáis de «ademáis de», é normal «encima de». Esta derradeira locución envolve sempre un matiz de protesta ou queixa, máis ou menos vivo.»<sup>48</sup>

(46) V. *supra* nota 40.

(47) Não há subordinada de adição neste passo de Eça de Queirós: «nunca lhe conhecemos outra ambição além de compreender bem as Idéias Gerais» (*A Cidade e as Serras*, cap. I, p. 11). É preciso entender: nunca lhe conhecemos outra ambição além da de compreender, i.e., além da ambição de compreender, etc.

(48) Carta do Prof. Carballo Calero.

Benaventurados os que padecen persecucion pol-a xusticia, porque *ademais de ir* à cadea pagarán as costas. (Fr. Marcos de Portela, *Catecismo do labrego*, [7.<sup>a</sup> ed.], Vigo, 1967, fac-símile da 1.<sup>a</sup> ed. (1889), p. 40)

19. Em espanhol as orações de adição, quando desenvolvidas, constroem-se com *a más de que*, *aparte de que*, *sobre que* e indicativo:<sup>49</sup>

*A más de que* con ello rinden un merecido tributo de respecto y admiración a la gloriosa e inefable lengua de Rosalía y de Curros, acrescientan la cultura peninsular con una nueva recopilación lírica.

20. As reduzidas de infinitivo são introduzidas por *sobre*, *a más de*, *además de*, *aparte de*, *tras de*:

*Sobre ser* pobre era altanero. Outre qu'il était pauvre, il était hautain. (Une réunion de professeurs, *Langue espagnole*, 3<sup>e</sup> degré, § 700, p. 226)

Esta comparación, *además de afinarles* el sentido de la observación, les enriquecerá con conceptos y matices de expresión en que son maestros los clásicos.

*A más de realizar* por entero los proyectos de sus antecesores, ensanchó el horizonte para sus más ambiciosas empresas.

*A parte de poner* guarniciones en algunas ciudades y de nombrar unos cuantos condes francos, no hizo el menor intento para separar de sus cargos a los funcionarios lombardos.<sup>50</sup>

TRAS DE. ( ) 4. 'Además de': *tras de ser mulo, es curro*. (Manuel Seco, *Diccionario de dudas*, [5.<sup>a</sup> ed.], [1970])

21. O italiano *oltre*, assim como o francês *outré*, representam o latim *ultra*. *Oltrachè* e *oltredichè* são raros; *oltre che* e *oltre a* se constroem com o infinitivo:

*Quando denota idea d'aggiunzione, porta meglio Al che II, secondo l'ingénito valore dall'A. Accoppiase anche all'inf.* Oltre all'essere ricca, è letterata. (Tomaseo e Bellini, *Dizionario*, 4.<sup>a</sup> ristampa dell'edizione integra, Torino, 1924, vol. V, "Oltre")

*oltre chè* perdonargli, l'ho fatto anche mio amico (Palazzi, *Dizionario*, Milano, [1951], "oltre")

*Oltre ad essere* ignorante è anche superbo. (Francesco Zambaldi, *Grammatica della lingua italiana*, [1905], p. 124)

(49) Rodolfo Lenz, *La oración y sus partes*, 3.<sup>a</sup> ed., 1935, p. 549, cita «*sobre que* (=además de que)». O *Nuevo pequeño Larousse* declara que «*sobre que*, por *aparte de que*, é barbarismo. Não foi possível encontrar exemplo de *sobre que* nem de *aparte de que*.

(50) A negativa da oração principal esbate a noção de adição, deixando visível a idéia de exclusão, que também se exprime com *afora*, *exceto*, *senão*, *a não ser*: «Não se podia concentrar num livro ou ouvir qualquer gravação, ou fazer qualquer coisa além de recordar as imagens que passavam continuamente pelo seu espirito.»

nessuno può disconoscere i meriti di quell'ardito e strenuo indagatore francese, che, *oltre a rivelare* i tesori dell'antica lingua e letteratura provenzale, tentò *anche* una prima comparazione delle diverse lingue romanze. (Angelo Monteverdi, *Manuale di avviamento agli studi romanzi*, [1952], p. V, nota)

I quali (religiosi), *oltrachè* non pagano gravezze, nè sono loro imposti carichi straordinarii, non hanno dove spendere le loro grossissime entrate nè più piamente, nè con maggior lode (Apud Tomaseo e Bellini, *Dizionario*)

Il Grizo, *oltre all'essere*, senza paragone, il più valente della famiglia, era *anche* una prova di ciò che il suo padrone aveva potuto attentar felicemente contro le leggi (Manzoni, *I promessi sposi*, Milano, Hoepli, [1948], cap. VII, p. 102)

22. Os franceses é que estudaram melhor, pelo que se sabe, esse tipo de oração. Lê-se o seguinte na p. 309 da *Grammaire des grammairies* de Girault-Duvivier, edição de 1863: «As *conjunções aumentativas* são assim nomeadas porque, além da idéia modificativa de ligação, têm uma idéia acessória (sic) de acréscimo e aumento, e designam uma adição feita a qualquer coisa que precede.» Entre alguns exemplos infelizes, vem este da Academia Francesa: «Rien n'est plus amusant que l'histoire; *outré* qu'on y trouve d'excellentes instructions sur la politique, elle renferme d'utiles leçons de morale.»

23. Embora um tanto confusamente, Ayer estudava essas orações em sua *Grammaire comparée*, 1900, p. 685: «Compreende-se ainda nas *conjunções condicionais* (sic) a locução *outré que*, que indica *extensão* e equivale, pelo sentido, a uma *conjunção aumentativa* (§ 264); pede o *indicativo*: *Outre* qu'il est paresseux, il est indocile (= *non seulement* il est paresseux, *mais* il est *encore* indocile).»

24. Observa Brunot a pp. 28 de *La pensée et la langue*, edição de 1965: «*Outre* que acrescenta sempre alguma coisa». E mais adiante, na p. 714, dedica um parágrafo à «proposition d'addition». A *Grammaire Larousse du XX<sup>e</sup> siècle*, [1952], estuda as subordinadas que indicam adição na p. 107, § 158. O mesmo faz Grevisse a pp. 1094, § 1045, de *Le bon usage*, [1964]. Wartburg e Zumthor, no *Précis de syntaxe*, [1958], § 171, p. 106, dizem que a língua francesa possui algumas *conjunções* que indicam, entre os fatos principal e subordinado, uma relação que se assemelha ao mesmo tempo com a concessão e com a condição, mas onde predomina uma certa idéia restritiva. Esta pode tomar diversos aspectos, entre os quais a adição de dois fatos, pela *conjunção outré que*.

25. «A adição ou adjunção de um fato, de uma idéia, de um motivo, é introduzida numa subordinada por diversas locuções conjuntivas: *sans compter que, outre que...*» (Dauzat, *Grammaire raisonnée*, [1958], p. 391). Fischer e Hacquard, na parte referente a «Les outils de subordination», apresentam uma relação das noções que esses instrumentos exprimem, notando laconicamente a pp. 451 de *A la découverte de la grammaire française*, [1959]: «*Addition. Outre que... sans compter que...* (indicatif).» É curiosa a observação de Dubois e Jouannon, que explicam o valor de *outre que* na lição dedicada às orações causais: «*Outre que (non seulement, parce que)* indica uma razão acessória, que se acrescenta à principal.» (*Grammaire et exercices de français*, [1956], § 261, p. 280)

26. *Outre que* era empregado pelos clássicos franceses e, segundo Brunot, «Il est encore très en usage» (*La pensée et la langue*, p. 714). Podem-se ler alguns exemplos nessa mesma obra, no *Grand dictionnaire universel du XIX<sup>e</sup> siècle* de P. Larousse, em *Le bon usage* de Grevisse. Usa-se o indicativo ou o futuro do pretérito conforme o sentido.

Lorsque Charles et La Lune nouèrent des relations, ils se connaissaient de vue depuis longtemps. *Outre qu'ils* étaient voisins, ils se rencontraient souvent sur les bords de la rivière où ils étaient, l'un et l'autre, assidus. (Marcel Aymé, *Romans de la province*, Paris, Gallimard, NRF, 1956. *Brâlebois*, cap. III, p. 20)

27. *En même temps que* pode introduzir uma oração de adição; nesse caso não tem o sentido de «à la même époque» mas de «aussi bien que» (Brunot, *Pensée*, p. 715):

*En même temps que* Jésus admettait pleinement les croyances apocalyptiques ( ) il admettait ( ) la résurrection des morts (Ren., Jés., VII)

28. Brunot apresenta ainda exemplos de orações iniciadas por *joint que, avec cela que, sans compter que, non sans que*, os quais, contudo, não convencem. Pode-se admitir como equivalente estilística da aditiva subordinada uma coordenada do tipo «Il est payé et, en outre, on le nourrit» (de plus, en sus de).<sup>51</sup>

(51) O inglês pode usar *besides, in addition to, aside from* e gerúndio:

No known animal could have traversed this extent of country in one night, *besides* having to cross an estuary of the sea two miles broad. (Eric Frank Russell, *Great World Mysteries*, p. 27).

*In addition to, aside from, being pretty, she has a lot of wealth. Besides* disliking the idea of scandal, it pleased her the idea of having a tutor that she could dominate.

29. Na oração principal pode figurar algum advérbio que reforce a noção de acréscimo expressa pela subordinada: *Também, ainda*, em português; *anche* em italiano; *aussi, encore* em francês.

Maria, *sobre* ser profetiza muito alumiada de Deus, era *também* de maior idade que Moisés e Arão (Vieira, *Sermões*, vol. VI, p. 78)

*Outre que* j'aurais mauvais goût, il faudrait *encore* que j'eusse bien peu d'amitié por vous (Sév., dans Littré, apud Grevisse)

*Outre que* ce parti s'accordait à merveille avec les nécessités sociales auxquelles il était soumis, il plaisait *aussi* à M. Vincent le père (E. Psichari, *L'Appel des armes*, p. 45, apud Grevisse)

Quanto ao italiano, vejamos os exemplos do § 21.

### 30. Orações subordinadas substitutivas

*Em vez de* ir para um lado, fui para outro. (Machado de Assis, *Relíquias de Casa Velha*, Jackson, vol. I, p. 29)

As orações iniciadas por *em vez de*, *em lugar de*, encerram um fato que podia realizar-se, cuja realização era certamente esperada; contudo não se realiza, visto que é o fato da principal que realmente se efetua. Isto é, na oração principal está contido o fato que se realiza em substituição ao fato que vem indicado na subordinada. No exemplo transcrito acima não se realizou o fato, provavelmente esperado, de a pessoa ir para um lado, mas sim o de ir para outro. Essas orações equivalem a um adjunto adverbial de substituição.

31. Em português os adjuntos adverbiais de substituição podem ser introduzidos pela preposição *por* e pelas locuções *em lugar de*, *em vez de*, *ao invés de*, *em troca de*, *a troca de*, *em câmbio de*, *em logo de* (arc.):<sup>52</sup>

dar-lhes coroa *por* cinza, óleo de gozo *por* pranto, *em lugar de* espírito de tristeza manto de louvor (Figueiredo, *Isaías* 61.3)

*em lugar de* cobre trarei ouro, e *em vez de* ferro trarei prata; e *por* madeira cobre, e *por* pedras ferro; e porei no teu governo a paz, e nos teus presidentes a justiça. (Idem, *ibidem*, 60.17)

(52) Maximino Maciel, *Lições Elementares de Língua Portuguesa*, 6.<sup>a</sup> ed., p. 111. Idem, *Gramática Descritiva*, 1925, p. 304. Gama Kury, *Lições de Análise*, § 64, p. 49. Na locução *em logo de*, *logo* é a continuação do latim *locu-*, «lugar».

*Por alguns bens* que [a civilização] produziu para aqueles homens primitivos, trouxe-lhes o pior dos males, a perversão moral. (Alexandre Herculano, *Eurico*, 41.<sup>a</sup> ed., cap. I, p. 2)

*Em vez da águia* eu poria como símbolo da América a formiga. (Monteiro Lobato, *América*, 1934, cap. X, p. 79)

Ergueu as mãos ao Senhor, pedindo-lhe que aliviasse as mágoas de seus pais, e lhes desse, *em troca da riqueza perdida*, a esperança de maior felicidade no céu. (Camilo, *Carlota Angela*, 1874, cap. XIII, p. 115)

eu dou-lhe *a troca da injúria* esta revelação da minha crendice (Idem, *Anos de Prosa*, 1904, cap. XVIII, p. 178)

Nicolau () pactuara com o anjo das trevas a fecilidade deste mundo *a troca da eterna perdição* da alma? (Idem, *O Esqueleto*, 1948, cap. VI, p. 59)

Tomou-lhe do coração os dons que mal soubera merecer-lhe o homem amado; e, *em câmbio deles*, bafejou-lhe de eterno maio as flores da face e a juventude do espírito. (Idem, *Estrelas Funestas*, 1869, cap. III, p. 50)

Vai ao gaado, e trage-me dous cabritos mui bôos, e farei deles de comer pera teu padre, que se paga muito deles, por tal que el coma, e te dê a beençom *em logo de Esaú* ante que moira. (*Bibliu Medieval Portuguesa*, INL, 1958, vol. I, p. 49)

32. Até agora as gramáticas portuguesas não têm estudado as orações de substituição, apesar de serem antigas na língua e não muito raras. Na edição de 1904 da *Gramática* de Bento José de Oliveira, emendada e acrescentada por A. A. Cortesão, § 111, p. 107, as locuções *em vez de*, *bem longe de*, são incluídas entre as conjunções subordinativas condicionais, «(para significar condição, hipótese, exceção, etc.)». Essas locuções não apareciam na edição de 1895. Mais modernamente Evanildo Bechara, nas *Lições de Português*, p. 207, inclui entre as orações reduzidas fixas «as que denotam pensamentos para cuja expressão não existem conjunções subordinativas, como as que indicam: / 1) *exclusão*»; seguem-se exemplos de orações iniciadas por *em vez de* e *longe de*.

33. Parece que o latim não conhecia as orações de substituição, usando outros torneios para exprimir a substituição.<sup>53</sup> Em português elas são reduzidas de infinito, em francês de-

(53) O grego usava *antí e infinitivo*: «*qqf. dev. un inf. sans article: anti árkhestai hyp'allôn, árkhlein hapántôn*, HDT. 1, 210, au lieu d'être commandé par d'autres, commander à tous; cf. THC. 7, 28; XEN. Cyr. 6. 2. 19» (Bally, *Dictionnaire grec-français*, «antí»).

O inglês dispõe de *instead of* para indicar substituição: «Now, Mr. Bum-ble was a fat man, and a choleric; so, *instead of* responding to this open-

sempre envolvidas. Encontram-se em espanhol e italiano. Embora raras, pode haver orações independentes justapostas (adversativas?) equivalentes pelo sentido às substitutivas: «O estertor regularizou-se; o homem não estertorava: ressonava» (= em lugar de estertorar, ressonava?).

34. As orações de substituição colocam-se geralmente antes da principal. As desenvolvidas são excepcionais em português;<sup>54</sup> parece que o *se* dos seguintes exemplos equivale a *em lugar de (que)*:

quando pilhou a porta aberta, ó pernas, p'ra que vos quero!... A tola, *se* havia de procurar o namoro [= namorado], foi meter-se em casa duma tia (Camilo, *A Filha do Arcediago*, 1868, cap. VI, p. 38)<sup>55</sup>

*Se* havias de ir à missa, ficaste a beber, borracho! (Idem, *No-velas do Minho*, vol. II, p. 134)

---

hearted salutation in a kinkred spirit, he gave the little wicket a tremendous shake» (Charles Dickens, *The Adventures of Oliver Twist*, London, Oxford University Press, [1959], cap. II, p. 6) «*Em vez de rirem, vocês deviam levar a coisa a sério. Instead of laughing, you ought to take this thing seriously.*» (Earl W. Thomas, *The Syntax of Spoken Brazilian Portuguese*, [1969], p. 186).

No dicionário francês-latino, verbete «lieu», Quicherat observa que *au lieu de* diante de um infinitivo não tem equivalente em latim, e apresenta diversas manelras de vertê-lo, modificando a construção.

A Tradução Brasileira lê do seguinte modo *Isaias* 60.15: «Em lugar de seres abandonada e aborrecida sem que ninguém por ti passe, far-te-ei uma excelência perpétua, delícias de muitas gerações.» E a Vulgata Clementina: «Pro eo quod fuisti derelicta / Et odia habita, / Et non erat qui per te transiret, / Ponam te in superbiam saeculorum, / Gaudium in generationem et generationem.»

- (54) Uma coordenada adversativa introduzida por *mas (ao contrário)* pode ser considerada equivalente estilística de uma substitutiva: As ovelhas não acompanham o estranho, *mas (ao contrário)* fogem dele. Em vez de acompanharem o estranho, fogem dele.
- (55) Pareceu-me que o sentido era: A tola, *em vez de* procurar o namorado, foi meter-se, etc. O Dr. Ataliba de Castilho pergunta se não há aí noção de concessão: A tola, *ainda que houvesse* de procurar o namorado, etc. Em todo caso a divergência serve de mostrar que a construção não é clara, nem espontânea, nem usual. Seria alguma particularidade da linguagem falada de Portugal do século passado?

Podia-se supor que *em lugar que* introduzisse uma substitutiva desenvolvida. Porém o único exemplo que encontrei exprime comparação contrastiva (cf. § 48 e ss.): «a mesma vaidade que nos faz ser ingratos para com os mais homens, é a que nos faz ser agradecidos para com os príncipes. E com razão, porque nestes o favor sempre é puro e generoso, *em lugar que* nos mais homens sempre é inficionado de algum gênero de interesse. Nos príncipes os benefícios nascem de liberalidade, nos mais homens procedem de premeditação (Matias Aires, *Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens*, 1752, p. 76).

35. As reduzidas de infinitivo iniciam-se por *em logo de* (arcaica), *em vez de*, *em lugar de*, *longe de*, *bem longe de*, *muito longe de*, *ao invés de*. De uma confusão ou cruzamento de *em vez de* e *ao invés de* surgiu um *ao em vez de*, que a linguagem literária não usa. Pelos exemplos se verá que as orações de substituição não são novidade em português:

A primeira natureza da poomba é que *em logo de* cantar, geme. (*Livro das Aves*, INL, reprodução de manuscrito do século XIV, p. 20; transcrito também nos *Textos Medievais Portugueses* de Serafim da Silva Neto, p. 41)

36. Há muitos exemplos de *em vez de*, tanto na linguagem clássica como na moderna:

Se os pregadores semeiam vento, se o que se prega é vaidade, se não se prega a palavra de Deus, como não há a Igreja de Deus de correr tormenta *em vez de* colher fruto? (Vieira, *Sermões*, vol. I, 1679, col. 65) Também no vol. VII, pp. 26, 38.

e tornaram para trás *em vez de* irem para diante. (Figueiredo, *Jeremias* 7.24) *Facitque sunt retrorsum, et non in ante* (*Vulgata Clementina*) Também em *Ezequiel* 16.34.

Um dia de jejum lhe puseram diante certo peixe de grande estimação esquisitamente cozinhado. O santo, *em vez de* mostrar no gesto os primeiros movimentos da vontade de o comer, entristeceu-se. (Bernardes, *Nova Floresta*, vol. I, 1706, p. 15) Também na p. 342 e no *Estímulo Prático*, p. 101.

37. Exemplos modernos podem ver-se em Camilo, *Estrelas Propícias*, cap. II, p. 13; *Coisas Espantosas*, cap. VI, p. 45; Machado de Assis, *Iaiá Garcia*, cap. I, p. 10; *Relíquias de Casa Velha*, vol. I, p. 262; Monteiro Lobato, *América*, cap. XXI, p. 156; Ciro dos Anjos, *O Amanuense Belmiro*, § 46, p. 119; Carlos Drummond de Andrade, *Fala, Amendoeira*, p. 25; Fernando Sabino, *Encontro Mercado*, p. 229.

D. Vitória perdeu totalmente a cabeça, e *em vez de* tomar as providências que o caso pedia, deu em ralar (Júlio Dinis, *A Morgadinha dos Canaviais*, 1952, cap. XXVI, p. 423)

38. Menos freqüente que *em vez de*, a locução *em lugar de* aparece também em escritores clássicos e modernos:

*em lugar de* se ressentir dos favores que o pontífice lhe fazia, () enxergava-se-lhe em obras e palavras levar gosto de que Sua Santidade o estimasse e honrasse. (Fr. Luís de Sousa, *Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, 1760, livro II, cap. XXV, vol. I, p. 224)

Carlos V ( ) fez esfriar o zelo dos ministros da Inquisição ordenando que, *em lugar de* herdarem uma quota dos bens das suas vítimas, vencessem um estêpêdio regular. (Alexandre Herculano, *Inquisição*, vol. I, 1879, livro I, p. 40)

E *em lugar de* acalmar as penas, antes  
Busca novo pesar com que as avive.

(Olavo Bilaque, *Poesias*, soneto VI da Via Láctea, p. 48)

Outros exemplos em Vieira, *Sermões*, vol. XI, n.º 96, p. 104; Bernardes, *Exercícios Espirituais*, vol. II, 1686, p. 19; Soares Barbosa, *Gramática*, 1830, pp. 354-5. Excepcionalmente *no lugar de*:

sai de uma conferência de três ilustres médicos friamente resolvido a dar um tiro na cabeça, *no lugar de* fazer a operação que eles tinham resolvido. (Rubem Braga, *A Cidade e a Roça*, [1964], p. 48)

39. *Longe de, bem longe de, muito longe de* são da linguagem moderna.<sup>56</sup>

*Longe de* procurarem pôr a salvo suas riquezas, os cristãos-novos reduziam-nas a propriedade territorial (Alexandre Herculano, *Inquisição*, vol. I, 1879, p. 167) Também no vol. II, 1880, p. 164; Camilo, *Anátema*, cap. XV, pp. 179, 180; Machado de Assis, *Ressurreição*, XXII, 241; Iaiá Garcia, cap. III, p. 46; Rui Barbosa, *Cartas de Inglaterra*, p. 267.

— É preciso que o Sr. Vasco, *bem longe de* contrariar os meus planos, seja o meu auxiliar para encaminharmos Leocádia ao destino que lhe tracei (Camilo, *Cenas da Foz*, livro II, cap. IX, p. 179) Também em José de Alencar, *Senhora*, I parte, cap. I, p. 11.

diga-o às mulheres, que, *muito longe de* se ofenderem, lisonjeiam-se com a esperança de o conquistarem (Camilo, *Onde Está a Felicidade?*, 1919, cap. I, p. 45) Também em *O Sangue*, 1907, cap. VI, p. 90.

40. *Ao invés de* é um neologismo; *invés* está registrado nos dicionários modernos, e já aparece na 9.ª edição do de Moraes (que não tem data mas é posterior a 1891, data da 8.ª edição), com a forma *envez*. A locução é usada por escritores brasileiros; não foi possível localizar exemplos portugueses.<sup>57</sup>

(56) Pode acontecer que uma oração infinitiva seja complemento nominal de *longe*; nesse caso evidentemente não há subordinada de substituição: «talvez não chegasse a ser repugnante mas estava longe de ser figura agradável.» (Carlos Heitor Cony, *A Verdade de cada Dia*, cap. I, p. 18).

(57) A construção do verbo *preferir* com o complemento *do que é* condenada pelos puristas; parece, porém, que não foi notada ainda a construção de *preferir* com uma oração de substituição, fato que seria condenado como o outro:

*Em vez de* encarar a novidade e justificá-la objetivamente, *preferia* remontar ao passado com argumentos artificiais e contestáveis.

Ao invés de pensar, vocês lêem — lêem coisas que, por *mal pensadas*, vão contribuir para a formação da maçaroca. (Monteiro Lobato, *Mr. Slang e o Brasil*, p. 13) Também nos *Urupês*, p. 241.

ao invés de descobrir tudo, podia acontecer aquilo que eu mais temia: indispor-me com ela. (Galeão Coutinho, *Confidências de Dona Marcolina*, cap. X, p. 94)

Outros exemplos: Euclides da Cunha, *Os Sertões*, p. 111; Carlos Heitor Cony, *Informação ao Crucificado*, p. 70; *A Verdade de cada Dia*, 2.<sup>a</sup> ed., [1963], p. 76. *De preferência a é raro*:

*De preferência a* afrontar a hostilidade de tal ambiente, aparta-me cada vez mais da sociedade.

Qualquer que seja a nossa profissão, temos sempre a liberdade de aplicar parte dos rendimentos que dela tirarmos, no que possa aperfeiçoar o nosso ser, *de preferência a* entesourarmos uma fortuna puramente material.

41. Em galego, «As oracións que indican sustitución son introducidas as más veces polo nexu «en troques de.»<sup>58</sup>

42. O espanhol serve-se em *en vez de*, *en lugar de*, *lejos de*.

Guevara, *en vez de* ordenar silencio, asumíó solemnemente el mando de las tropas (Manuel Gálvez, *Los caminos de la muerte*, [1957], cap. I, p. 17) Também em T. Luca de Tena, *La mujer de otro*, cap. X, p. 181.

EN VEZ DE Frase prepositiva que significa 'en sustitución de': *ha venido su hermana en vez de ella*; o 'al contrario de, lejos de': *en vez de acercarse y saludarnos, volvió la cabeza*. (Manuel Seco, *Diccionario de dudas*)

---

*Longe de* embargar o plano de Carlota Joaquina, a principio D. João preferiu apoiá-la indireta e misteriosamente.

Ao invés de aceitar as verdades cruéis ou dolorosas para corrigi-las ou elidi-las, *preferem* dissimulá-las (Oliveira Viana, *Populações Meridionais do Brasil*, vol. I, p. XXII).

Entretanto, em Paris-Madri, o Diabo Coxo divertia-se da mesma maneira: *em vez de entrar* pelas portas, *preferia* levantar o tecto das casas (Paul Hazard, *A Crise da Consciência Européia*, p. 282).

Parece que o italiano pode usar essa construção com o verbo *preferire*, o qual geralmente pede a preposição *a* (*preferire la morte alla viltà* — Petrocchi), ou a conjunção *che* (Mistruzzi, *Grammatica*, pp. 301-2, analisa-a como oração comparativa: *Preferirebbe lasciarsi uccidere che cedere*): «con l'unica differenza che *invece* di rimandare a speciali apendici le regole () di minor conto, *ho preferito* reggubarle in appositi paragrafi dentro il testo stesso di ogni singolo capitolo (Boselli, *Grammatica spagnuola*, p. 5) O significado do verbo terá influído na construção: *scegliere cosa o persona invece di un'altra* (Palazzi, *Dizionario*).

(58) Carta do Prof. Carballo Calero.

LEJOS DE. () En este último sentido [i.e. figurado] es frecuente la construcción con infinitivo, significando 'muy al contrario de': *lejos de sentirse satisfecho, empezó a preocupar-se*. (Idem, *ibidem*) V. outro exemplo na Gramática da Academia Espanhola, [1959], p. 398. T. L. de Tena, *La mujer de otro*, cap. XI, p. 195.

43. O italiano constrói essas orações com *piuttosto di*, *piuttosto che*, *non che*, *invece di*, *in vece di*, *invece che*, *in luogo di*, *in cambio di*, *anzichè*, *lontano da*.

*Anzichè* umiliarsi non so cosa fareble. *Piuttosto di* (o *che*) passare il ponte face un lungo giro. () Egli, *non che* pentirsi, fa peggio di prima. (Fancesco Zambaldi, *Grammatica*, [1905]), p. 124, que classificava essas orações como "modais comparativas")

Si è preferito seguire questa via, *piuttosto che* cercare una maggiore completezza in un'unica direzione.

*In cambio* (*invece*) *di* studiare si trastulla (si diverte; va a spasso). (Regula e Jernej, *Grammatica italiana descrittiva*, [1965], § 134, p. 257, onde se fala em "opposizione")

I muri interni delle due viottole, *in vece di* riunirsi ad angolo, terminavano in un tabernacolo (Manzoni, *I promessi sposi*, cap. I, p. 15)

la *Grammaire générale et raisonnée* di Port-Royal () animata dall'ardore, tutto razionalista o cartesiano, di spiegare *in luogo di* constatare e di render ragione *in luogo di* meramente descrivere. (*Enciclopedia italiana*, Treccani, 1933, "Grammatica")

*Lontano dal vedere*, nei nuovi aspetti lessicali del portoghese in Brasile, una traccia e un avvio a una nuova lingua, il Raimundo sostiene l'opportunità che si additi () il fenomeno della permanenza () di modi sintattici del Cinquecento (Giuseppe Carlo Rossi, *Letteratura brasiliana*, [1971], cap. III, pp. 16-7)

44. Embora não as considerem um tipo especial de oração subordinada, Wartburg e Zumthor incluem entre as orações «circunstanciais de oposição (concessivas)» as seguintes:<sup>59</sup>

(*Bien*) *loin que* apresenta o fato ou a idéia enunciados como particularmente distanciados da idéia ou do fato principal: *loin qu'il m'en impose, je serais plutôt porté à le mépriser* [longe de ele me enganar, eu seria antes levado a desprezá-lo].

*Au lieu que* introduz o enunciado de um fato que não se realizou, mas ao qual se substituiu o fato principal: *au lieu qu'on lui permit de répondre tranquillement, l'interrogateur lui posa aussitôt d'autres questions* [em lugar de se lhe permitir que respondesse tranquilamente, o examinador fez-lhe logo outras perguntas].

O modo verbal é o subjuntivo:

(59) Wartburg et Zumthor, *Précis de syntaxe du français contemporain*, 2.<sup>a</sup> éd., 1958, § 169, p. 106.

L'adversité, *loin qu'elle soit un mal*, est souvent un remède et le contrepoison de la prospérité. *Au lieu que* l'adversité l'eut aigri, son humeur était devenue plus enjouée et plus égale. (Ayer, *Grammaire comparée*, 4<sup>e</sup> éd., 1900, p. 658)

Littrée, *Dictionnaire*, ed. de 1889, vol. III, p. 305, n.º 24, cita três exemplos do século XVII de *au lieu que*, mas Wartburg e Zumthor referem-se a essa construção como viva no francês de hoje: *Syntaxe*, §§ 169, 426 e 457. V. também Grevisse, *Le bon usage*, §§ 981 e 1033, 1.<sup>60</sup>

45. Com o infinitivo ocorria *en lieu de* no século XVI:

*En lieu de* le recueillir, luy tyrent de grans coups de canon (Commynes, *Mémoires*, VII, 1, apud Littré)

O que se usa é *au lieu de*, (*bien*) *loin de*, *plutôt que de*:

*au lieu d'*aviser a les recevoir, tu songes à mille sottises. (Anatole France, *Le crime de Sylvestre Bonnard*, p. 241)

Le cert eut un présent, *bien loin d'être* puni (La Fontaine, apud Ayer, *Grammaire*, p. 658)

*Plutôt que de* vous obstiner à nier, vous feriez mieux d'admettre votre erreur (syn.: AU LIEU DE). (Jean Dubois et alii, *Dictionnaire du français contemporain*, [1967], s.v.)

Ainsi parlerait une mère qui voudrait garder son fils bossu *plutôt que de* le voir redressé. (Léon Clédat, *Grammaire raisonnée de la langue française*, 2<sup>e</sup> éd., 1894, § 21, p. 13)

46. Le Bidois observa que «La langue populaire fait volontiers suivre *plutôt (que)* de la négation corsée *non pas*: (Drôle d'idée, dit la Françoise de Proust, de) «rester dans cette misérable ville *plutôt que non pas* aller à Cambray!» *Guermantes* I, 22; la même bonne femme avait, disait-elle, «renfermé [le veston] *plutôt que non pas* le laisser à la poussière» ID. *A l'ombre des J. F...* III, 180.» (*Syntaxe du français moderne*, 2<sup>e</sup> éd., 1967, vol. II, § 1203, p. 275)

47. Na oração principal a noção pode vir retomada por um adjunto adverbial: *ao contrário*, *antes*, em português; *plutôt*, *au contraire*, em francês. Releiam-se os exemplos citados nos parágrafos anteriores, e note-se o seguinte:

Os caracteres vingativos, quando sofrem alguma ofensa, *em vez de* afastarem o pensamento dessa recordação dolorosa, *ao contrário* revolvem-se nela e saturam-se de fel, como para exacerbar a própria ira e prelibar o prazer da vingança. (José de Alencar, *O Sertanejo*, Melhoramentos, 2.<sup>a</sup> ed., parte I, cap. IX, p. 78; também na parte II, cap. X, p. 112)

(60) A informação e o esclarecimento são do Dr. I. N. Salum.

#### 48. Orações comparativas contrastivas

Os sonhos acabam ou alteram-se, *enquanto que* os maus maridos podem viver muito. (Machado de Assis, *Quincas Borba*, INL, 1969, cap. CXIX, p. 255)

Em geral se analisam quase automaticamente como temporais as orações introduzidas por *quando*, *enquanto*, *enquanto que*, *ao passo que*, sem se indagar se é realmente de tempo a noção que exprimem. Examinando uma série de exemplos anotados, observei que em muitos deles não havia noção de tempo. Qual é, então, a noção que essas orações exprimem? Alguns autores se referem a contraste e oposição.

49. Pelo sentido essas subordinadas podem considerar-se equivalentes estilísticas das independentes adversativas, embora as construções sejam diferentes:

Os sonhos acabam ou alteram-se, *mas* os maus maridos podem viver muito.

Quicherat, em seu dicionário francês-latino, verte por meio de independentes adversativas as subordinadas francesas de *au lieu que*, o que não quer dizer que o latim não dispusesse de recurso para exprimir essa idéia por meio de orações subordinadas. Nem sempre, porém, existe essa correspondência com as adversativas, as quais podem equivaler também, às vezes, a uma concessiva:

Ele é bom *mas* não gosto dele.

*Embora* seja bom, não gosto dele.

50. Por isso não satisfaz a admissão de um novo tipo de oração: as subordinadas adversativas.<sup>61</sup> Há apenas coincidência parcial dos campos compreendidos por esses dois tipos. Já se observou que nessas orações há confronto por diferença, e aí está a pista para a solução: confronto é comparação, e as orações ficam sendo uma modalidade das comparativas. Vejamos quais são os tipos de orações comparativas.

(61) Admitem as subordinadas adversativas: Renzo Cristiani, *La grammatica latina*, Pisa, Vallerini, [1941], p. 321; Regula e Jernej, *Grammatica italiana descrittiva*, Bern und München, Francke, [1965], p. 284; Kr. Sandfeld, *Syntaxe du français contemporain*, Les propositions subordonnées, Genève, Droz, 1965, livre IV, chap. II, §§ 181-4, pp. 301-6.

51. Matoso Câmara, seguido por Evanildo Bechara e Gama Kury, opõe as comparativas assimilativas às quantitativas.<sup>62</sup> A comparação é assimilativa (i. e. «assemelhativa») quando «consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida». É quantitativa quando «consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos». As comparativas assimilativas constroem-se com *como*; as quantitativas com *tão... como* (de igualdade), *mais... (do) que* (de superioridade) e *menos... (do) que* (de inferioridade).

52. Ao lado desses dois grupos, pode-se admitir um terceiro: o das comparativas contrastivas.<sup>63</sup> Além de se tratar de uma noção bastante clara, é interessante observar em diversos idiomas uma tendência para usar conectivos especiais nessas orações, diferentes dos conectivos das orações temporais.<sup>64</sup>

53. As conjunções que introduzem as comparativas contrastivas, nitidamente temporais pela origem, mostram que o novo tipo de comparação se derivou das orações temporais. Em algumas construções — as que indicavam simultaneidade — foi-se insinuando a idéia de contraste, a qual chegou a predominar e excluir qualquer noção de tempo.<sup>65</sup> Não há razão,

---

(62) Matoso Câmara, *Gramática*, II, 48 apud Bechara, *Lições de Português*, pp. 128-9. Gama Kury, *Lições de Análise*, § 113, p. 82.

(63) Na redação primitiva usei sempre os termos *oposição*, *opositivo*. O Dr. Isaque Salum observou-me que essas orações são mais exatamente *contrastivas*. Quis também evitar confusão com o francês *opposition*, usado tanto para indicar contraste como concessão (impedimento ineficaz); os franceses têm dificuldade em ver diferença entre as contrastivas e as concessivas: «Por outro lado, no caso em que de dois fatos contrários um deveria excluir o outro, é difícil fazer distinção nítida entre orações adversativas e orações concessivas.» (Sandfeld, *Syntaxe*, § 181, p. 301).

(64) A respeito dos tipos de comparação ou associação, que aliás não se reduzem aos dois mencionados de semelhança e diferença, vejamos: Max Apel, *Diccionario de filosofia*, 1.<sup>a</sup> ed. en español, México, Uteha, [1961], verbete «asociación»; R. S. Woodworth, *Contemporary Schools of Psychology*, revised edition, New York, Ronald Press, [1948], pp. 38, 44.

(65) No seguinte exemplo se pode ver essa transição da noção de tempo para a de contraste: «Enquanto cristãos deixavam perecer à míngua uma desgraçada, tu [um mouro] a salvavas.» (Alexandre Herculano, *O Monge de Cister*, 11.<sup>a</sup> ed., 1907, vol. I, cap. V, p. 94). Esse *enquanto* já não é claramente temporal, pois não equivale a *ao mesmo tempo que*; por outro lado observem-se os contrastes *perecer/salvar*, *cristãos/mouro*.

pois, para confundir as comparativas contrastivas com as temporais; o fato de serem introduzidas pelas mesmas conjunções não é significativo, além de se notar uma tendência para uso de conectivos específicos. *Desde que* pode indicar tempo, causa ou condição; *porque* causa ou fim. Não se diz que nas orações de *porque* há acúmulo das noções de causa e fim: a oração é causal ou final, e uma classificação exclui a outra. Nas orações de *enquanto que* notam alguns autores que há um *matiz* ou *alguma coisa* de contraste ou oposição. Ora, aí é que bate o ponto; o que se considera *matiz* é, na realidade, a noção fundamental, predominante; noções de tempo podem entremostrarse nas comparativas contrastivas, mas são secundárias, acessórias, casuais, despiciendas. Em «Os sonhos acabam ou alteram-se, enquanto que os maus maridos podem viver muito», contrasta-se a transitoriedade ou fugacidade dos sonhos — que sempre acabam quando acordamos ou se alteram com facilidade —, e a possível «durabilidade» dos maus maridos, que não desaparecem nem se transformam tão rapidamente nem tão facilmente como os maus sonhos ou os pesadelos. Percebe-se bem a comparação, mas não se vê aí noção de tempo.

54. Embora sejam raros, existem adjuntos adverbiais de comparação contrastiva, em forma não oracional, introduzidos por *ao contrário de*, *ao inverso de*, *à diferença de*, *contrariamente a*.

A órfã, *ao contrário da filha do capitão-mor*, tinha uma dessas naturezas que não sabem viver em si e para si. (José de Alencar, *O Sertanejo*, I parte, cap. XIX, p. 173)

*Ao inverso das parasitas*, que absorvem a seiva estranha e nutrem-se dela, estas naturezas pródigas transmitem a sua substância. (Idem, *ibidem*)

*Contrariamente a certos delirantes sistemáticos* cujas perturbações são mais ou menos polarizadas por um assunto determinado e cujas reações se podem por conseguinte prever, os jovens esquizofrênicos de que falamos têm atos discordantes, imprevisíveis, pelo próprio fato de que o estado de espírito deles muda sem cessar e as idéias mais contraditórias se sucedem de minuto a minuto.

L'histoire gréco-romaine nous est visible en perspective, et peut être embrassée dans son ensemble parce qu'elle est terminée — *par opposition à l'histoire de notre monde occidental* qui est un spectacle inachevé dont nous ne savons pas ce que sera le dénouement définitif et dont ne pouvons même pas voir l'aspect général actuel, nous trouvant placés comme des acteurs d'un moment parmi la multitude et l'agitation de la scène.

55. O latim podia exprimir contraste com orações justapostas, que melhor se classificam como independentes: *Verba uolant, scripta manent*. Mas usava também *cum* seguido de subjuntivo para introduzir uma subordinada comparativa contrastiva: «Contraste. *Alors que, tandis que*. EGO APUD BARBAROS ERAM CUM TU ESSES IN GRAECIA. J'étais chez les barbares, alors que toi, tu étais en Grèce.»<sup>66</sup>

56. Em português também se pode indicar contraste com orações independentes adversativas assindéticas, equivalentes estilísticas das comparativas contrastivas.<sup>67</sup>

Ele perseguia as aves e alimárias inocentes; eu perseguia-o a ele. (Alexandre Herculano, *O Monge de Cister*, vol. I, cap. III, p. 43)

A amante vivia num bonito chalé; a família morava numa velha casinha arruinada e suja. Na casa da mão esquerda havia o luxo, o conforto, o bem-estar; na casa da mão direita reinava a mais severa economia. Ali os guardanapos eram de linho; aqui os lençóis de algodão. Na rua do Matoso havia sempre o supérfluo; na rua de São Cristóvão muitas vezes faltava o necessário. (Artur Azevedo, *Contos Fora da Moda*, 4.<sup>a</sup> ed., Paris, Garnier, [1924], p. 49)

Os ricos rezavam a São Jorge na Matriz de Ilhéus, as mãos alvas do Bispo levantadas na bênção da safra daquele ano. Os pobres rezavam a Oxossi, São Jorge também, no candomblé de Salu, as mãos negras levantadas em agradecimento. (Jorge Amado, *São Jorge dos Ilhéus*, p. 183)

57. As subordinadas contrastivas são iniciadas por *quando*, *enquanto*, *enquanto que*, *entretanto que*, *entanto que*, *ao passo que*. Na maioria das vezes *quando* é temporal, mas também pode indicar contraste, embora raramente:

Conta Pausânias que no templo maior da Arcádia, estava um espelho, no qual os homens que olhavam para ele, não se viam a si, mas só viam as imagens dos deuses. E *quando* os gentios adoradores dos deuses falsos entenderam que nos espelhos dos templos não se haviam de ver outras imagens que as dos mesmos deuses, tem<sup>68</sup> nome e fé de cristãs as que levam os espelhos aos templos do Deus verdadeiro ( ) para verem e enfeitarem o modo com que desejam ser vistas?

(66) Greiner et Billoret, *Grammaire du latin*, p. 357. São um pouco diferentes desse os exemplos de *cum* «adversativo» apresentados por Jacques Michel na *Grammaire de base du latin*, 1967, § 498, p. 284: *Fuit pauper cum diuitissimus esse posset*. Nota-se a confusão das concessivas com as contrastivas.

(67) Quando a independente adversativa encerra um adjunto adverbial de concessão, desaparece a equivalência com as comparativas contrastivas, e estabelece-se correspondência com as concessivas: «Depois de religioso ficou fora da jurisdição da fortuna; mas *nem por isso* fora das variedades do mundo.» (Vieira, *Sermões*, vol. I, col. 393).

(68) V. *supra* nota 40.

(Vieira, *Sermões*, vol. XI, 1696, Sermão do demônio mudo, § VII, n.º 337, p. 300)

*quando* todos aqui estão a tagarelar como um bando de maitacas, ficas amuado a um canto, tu que de ordinário és a garrulice em pessoa? (Bernardo Guimarães, *Rosaura*, Paris, Garnier, [1914], vol. I, cap. I, p. 1)

mocinhas supõem comprar romances, *quando na realidade* estão se provendo de noções da eterna e tenebrosa ciência de amar<sup>69</sup> (C. Drummond de Andrade, *Fala, Amendoeira*, "Nobre rua São José", 4.ª ed., p. 20)

58. *Enquanto*, de emprego relativamente comum nas orações contrastivas, tem distribuição diferente de *enquanto que*. Quando a subordinada antecede a principal, *enquanto* pode exprimir tempo ou contraste; quando a subordinada vem depois da principal, *enquanto* geralmente exprime tempo, menos vezes contraste; mas neste último caso *enquanto que* parece ser mais freqüente, vem quase sempre nessa posição e muito raramente indica tempo.<sup>70</sup> Esquemáticamente:

<i>Enquanto</i> (temporal)	}	oração principal
<i>Enquanto</i> (contrastivo)		
Oração principal	{	<i>enquanto</i> (geralmente temporal)
		<i>enquanto</i> (menos vezes contrastivo)

Mas normalmente:

Oração principal + *enquanto que* (contrastivo)<sup>71</sup>

59. Vejam-se alguns exemplos de *enquanto* temporal antes da principal:

*enquanto* é tempo / Pensa e resolve (Basílio da Gama, *O Uruguai*, in *Épicos Brasileiros*, [Lisboa], 1845, canto II, vv. 165-6)

(69) *Quando na realidade*: o adjunto *na realidade* realçou a noção de contraste; cp. o francês *tandis qu'au contraire*, *infra*, § 81.

(70) Por contrariar a tendência da língua parecem estranhos estes exemplos de *enquanto que* temporal: «serve-se delas como de almofadas para recostar-se, *enquanto que* pensa». (Arnaldo Gama, *Montim Há Cem Anos*, cap. III, apud Heráclito Graça, *Fatos da Linguagem*, 1904, cap. XXXIV, p. 248). Com mais-que-perfeito do indicativo: «O conselheiro estendeu a Henrique a parte telegráfica, *enquanto que* uma visível satisfação se lhe desenhara no semblante.» (Júlio Dinis, *A Morgadinha dos Canaviais*, 1952, cap. XXXIII, p. 537).

(71) Seria interessante verificar numa série de exemplos espanhóis, italianos e franceses — o que não pude fazer — se as contrastivas também se colocam geralmente depois da principal.

*Enquanto* ela repetia a declaração da véspera, Carlos Maria abria os olhos, estirava os membros (Machado de Assis, *Quincas Borba*, INL, 1969, cap. LXXIV, p. 201)

Ainda temporal, em subordinada posposta à principal:

outras [aves fabricaram seus ninhos] nos cerros mais altos, *enquanto* não havia torres (Vieira, *Sermões*, vol. XI, 1696, n.º 110, p. 115)

os olhos brilhavam *enquanto* ela ria. (Jorge Amado, *Gabriela*, [38.ª ed.], p. 155)

60. A noção de contraste fica mais nítida quando a subordinada vem antes da principal:

*Enquanto* nas colônias inglesas setentrionais da América do Norte sempre predominou a pequena propriedade, nas do sul firmou-se, como entre nós, o tipo da cultura em grande escala.

*Enquanto* a análise fonética se preocupa tão-somente com a articulação, a fonêmica atenta apenas para o som que, reunindo um feixe de traços que o distinguem de outro som, permite a comunicação lingüística.

*Enquanto* lhe minguavam as horas para os prazeres de que se fartava, aquelas três senhoras ali desfiavam as compridas noites sem outro entretenimento além da tarefa jornalreira (José de Alencar, *Senhora*, Melhoramentos, 8.ª ed., I parte, cap. VI, p. 54)

*enquanto* os primeiros me indigitavam como o maior responsável pelo advento do novo regímen, crime irredimível, os outros reduzem a zero o meu merecimento nessa transformação (Rui Barbosa, *Cartas de Inglaterra*, 2.ª ed., 1929, p. 290)

61. Há orações contrastivas de *enquanto* pospostas à principal, mas nem sempre a noção de contraste fica tão nítida como nas outras.

E tu, mal-aventurado, pensas que és vencedor, *enquanto* és cativo e roubado e tomado por prea deste cruel leom (*Boosco Deleitoso*, INL, 1950, p. 42)<sup>72</sup>

Tendo-se entregado com fervor ao estudo como um meio de afugentar pensamentos cruéis, criam que o amor da ciência o obrigava a passar as noites sobre os livros, *enquanto* ele o fazia só porque a vigília sobre o livro mais sensabor é um folgado comparado com a vigília no leito do repouso, que tantas vezes se converte em Getsêmani de agonia. (Alexandre Herculano, *O Monge de Cister*, 11.ª ed., 1907, vol. I, cap. III, p. 60) Também no cap. IV, p. 79; cap. X, p. 141.

A criatura passa horas e horas sentada no tapete, *enquanto* as outras me estão sempre a convidar a passeios (Camilo, *Estrelas Propiças*, 2.ª ed., cap. VIII, p. 81)

(72) O texto é provavelmente de fins do século XIV.

Tu ainda sobes ao Calvário e respiras ar desfogado, *enquanto* eu a custo me desatasco da lama (Idem, *O Sangue*, 3.<sup>a</sup> ed., 1907, Introdução, p. 6)

Possuindo, porém, este caráter em comum com a preposição, [a conjunção] dela se diferencia em ser conectivo de proposições, *enquanto* aquela o é de palavras, de modo que a conjunção é conectiva *interproposicional*, e a preposição *intervocabular*. (E. Carlos Pereira, *Gramática Histórica*, 1916, § 209, p. 136)

D. Paculdina () é uma porção bestial de gorduras, *enquanto* Carmélia é uma porção de harmonias. (Ciro dos Anjos, *O Amanuense Belmiro*, 3.<sup>a</sup> ed., [1949], § 45, p. 116)

convencidos assombrosamente de que tinham o direito de comer o quanto quisessem, *enquanto* outros não podiam comer nada. (Paulo Mendes Campos, *O Anjo Bêbado*, p. 45)

Silvio da Cunha. Era este o contrário de mim, mestre de vários ofícios e artesanatos, *enquanto* eu ciscava pelo mundo como a galinha que busca minhocas na terra árida. (Idem, *ibidem*)

62. No português atual, *enquanto que* é relativamente comum para indicar comparação contrastiva. Foi condenada por alguns puristas sob a alegação de ser tradução do francês *tandis que*, que realmente deve ter tido alguma influência no seu bom êxito. Insistiu-se no uso exclusivo do simples *enquanto*, sem se notar que essa conjunção, em oração posposta à principal, não servia para exprimir claramente a noção de contraste; ficando ambígua a expressão, os escritores não tiveram dúvida em recorrer à locução *enquanto que*, a qual sempre exprime com clareza a noção de contraste e encabeça orações que se pospõem à principal. O «desvio» era motivado por uma necessidade nova de expressão. A locução é recente na língua, não tendo sido possível encontrar exemplos anteriores ao século XIX.

parecia-me que a beleza é uma flor boa para se aspirar e deixá-la ainda viçosa para que no-la invejem e furem; *enquanto que* a obrigação de conservar em casa a flor murcha é um pesadelo. (Camilo, *Estrelas Propícias*, 2.<sup>a</sup> ed., cap. VIII, p. 68)

Não há interesse especial em transcrever aqui uma série de exemplos semelhantes (noção de contraste, subordinada posposta à principal); por isso indicam-se apenas os passos onde se podem ler outros exemplos: Camilo, *Amor de Salvação*, 6.<sup>a</sup> ed., «Observação» inicial; *A Mulher Fatal*, 3.<sup>a</sup> ed., cap. II, p. 30. Júlio Dinis, *Uma Família Inglesa*, 1948, cap. I, p. 6. José de Alencar, *As Minas de Prata*, Melhoramentos, 7.<sup>a</sup> ed., vol. I, cap. III, p. 32; p. 436 do vol. II da edição Aguilar. Guerra Junqueiro, *A Morte de D. João*, 10.<sup>a</sup> ed., 1921, p.

XII. Machado de Assis, *Memórias Póstumas, INL*, 1960, cap. VII, p. 123; *Memorial de Aires*, Jackson, [1955], p. 270. Eça de Queirós, *A Ilustre Casa de Ramires*, Lelo, 1966, cap. V, p. 198. Agustina Bessa Luís, *O Manto*, p. 50.<sup>73</sup>

63. Os principais autores que denunciaram o *enquanto que* foram Leite de Vasconcelos e Epifânio Dias em Portugal, Mário Barreto e Evanildo Bechara no Brasil. Preceituava Leite de Vasconcelos: «*d) enquanto que: / Não se dirá assim, mas enquanto. Cf. o provérbio: Enquanto se capa, não se assobia. Muitas vezes podemos substituir essa conjunção por ao passo que, ou quanto a («eu não vou; quanto a ele, vai», ou «ao passo que ele vai»).* / *Enquanto que* provém de imitação do francês *tandis que*. Manuel Bernardes, na *Nova Floresta*, II (1759), 334, tem todavia: «Mas destes conselheiros () dissera eu o mesmo em contrário sentido, ENQUANTO res sacra quer dizer c o u s a m a l d i t a ».<sup>74</sup> A condenação de Epifânio Dias foi feita a propósito da tradução de locuções conjuncionais francesas: «*Pendant que, tandis que e tant que, e n q u a n t o* (e não: enquanto que), e n t a n t o q u e , e n t r e t a n t o q u e , designam simultaneidade de duas ações».<sup>75</sup>

64. Mário Barreto associa o aparecimento de *enquanto que* à tendência de se juntar um *que* às conjunções simples: «visto que há um sem-número de locuções em que entra *que* como elemento, e a língua se avezou a elas, aparece a dita partícula junto a palavras que já têm sentido conectivo».<sup>76</sup> E coloca *enquanto que* ao lado de *apenas que, embora que, mal que*. Essas formas, porém, raríssimas e exóticas (além de não terem a abonação de bons escritores) não expressam nenhuma noção especial, ao passo que *enquanto que* tem valor e emprego próprios, e está vivo na língua. Embora não condene explicitamente a locução, Mário Barreto não consegue reprimir uma

(73) Levando-se em conta o fato de que a gramática de Soares Barbosa foi escrita em fins do século XVIII, seria de estranhar que ela registrasse a locução *enquanto que*, como afirmou Heráclito Graça nos *Fatos da Linguagem*, 1904, cap. XXXIV, p. 241, citando a 6.ª ed., livro 4, cap. 6, art. 2, n.º 5. O que se lê, aliás no livro 3, p. 358 da 2.ª ed., 1830, é o simples *enquanto*, e não *enquanto que*. Carlos Góis, certamente sem ter verificado a citação, copia o engano: «A forma *enquanto que* é aceita por Jerônimo S. Barbosa». (*Dicionário de Galicismos*, 1920, s.v.).

(74) J. Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, 3.ª ed., Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1959, p. 347.

(75) Epifânio Dias, *Gramática Francesa*, 8.ª ed., [1895], § 388, p. 365.

(76) Mário Barreto, *Novos Estudos*, 2.ª ed., cap. XI, p. 176.

leve ironia: «Também Machado de Assis, esquecendo o valor relativo de *enquanto*, e só reparando em que num grande número de locuções que servem para enlaçar uma oração com outra, figura *que*, pôs esse penduricalho a *enquanto* no seguinte trecho: «Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si mesma, *enquanto que* eu fitava deveras o chão, o roído das fendas, duas moscas andando, e um pé de cadeira lascado.» (*Dom Casmurro*, cap. XLII, p. 130 [pp. 126-7 da edição do INL]).»<sup>77</sup> À hipótese do ilustre gramático pode-se contrapor outra, que parece explicar melhor o fato: Machado de Assis quis, simplesmente, exprimir, sem equívoco, a noção de contraste, o que o simples *enquanto* não lhe permitia fazer.<sup>78</sup> Aliás, o próprio Mário Barreto usou a locução, para exprimir contraste:

Do mesmo modo, *louer* que deu *louange*, vem do latim *laudare*, ENQUANTO QUE *louer*, que deu *louage*, vem de *locare*. (Mário Barreto, *Últimos Estudos*, 1944, p. 5)

65. Apoiado certamente na autoridade de Mário Barreto, Evanildo Bechara considera também excessivo o *que* de «*enquanto que*, *apenas que*, *embora que*, etc., construções que os puristas não têm visto com bons olhos, apesar dos exemplos dos escritores corretos: / «...porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, *enquanto que* o que eu ali via era a condenação viva de todos os tempos» (M. de Assis, *Memórias Póstumas*, [cap. VII], p. 24 [p. 123 da edição do INL]).»<sup>79</sup> Como se vê, coloca-se o *enquanto que*, usual, ao lado de outras locuções desusadas, e não se insiste na diferença de significado.

66. É raro antepor-se a oração de *enquanto que* à principal. Em alguns casos não fica muito claro que noção há na subordinada.

*Enquanto que* Margarida recuava, ele, cada vez mais próximo, ia de novo repetir a súplica. (Júlio Dinis, *As Pupilas do Senhor Reitor*, Lisboa, A Editora, s.d., cap. XLI, p. 410)

(77) Idem, *Op. cit.*, p. 177.

(78) «Adotando o estado de espírito do observador que se recusa a corrigir o que existe, debruçei-me sobre a vida dos signos com o único cuidado da objetividade, para verificar em quê os erros são condicionados pelo funcionamento da linguagem e como eles o refletem; pois é muito improvável, amigo leitor, que o senhor cometa erros pelo simples prazer de ser incorreto.» (Henri Frel, *La grammaire des fautes*, 1929, p. 9).

(79) Evanildo Bechara, *Moderna Gramática Portuguesa*, 3.<sup>a</sup> ed., p. 201.

*Enquanto que* eu tropeço, um grito ao longe rola (Castro Alves, *Espumas Flutuantes*, apud Maximino Maciel, *Gramática*, 1925, pp. 363-4, que a classifica como temporal)

É contrastiva em:

*Enquanto que* Fernandinho alardeava nas salas e espetáculos, elas passavam o serão na sala de jantar. (José de Alencar, *Senhora*, I parte, cap. VI, p. 49)

*Enquanto que* ambas () se desagregam, eu () imagino e executo. (Guerra Junqueiro, *Pátria*, cena VII, p. 54)

Certos autores não usam *enquanto que*. Parece ser o caso de Jorge Amado, que indica contraste com o simples *enquanto*; pode ser que ele não tenha entrado na corrente da inovação, uma vez que seria difícil acreditar-se na influência coercitiva de gramáticos sobre ele.

67. *Ao passo que* raramente indica proporção, ao contrário do que se poderia supor.<sup>80</sup> Como contrastivo talvez seja relativamente freqüente, mas é tão novo na língua como *enquanto que*; todavia os gramáticos não o condenaram, como fizeram com este último. Do século passado há exemplos um tanto confusos, nos quais talvez exprima tempo.

a opulência dos judeus, *ao passo que* os habilitava para viverem com esplendor, alcançava conciliar-lhes a tolerância dos magistrados, que os deixavam manifestar na magnificência dos trajos e adornos a sua riqueza. (Alexandre Herculano, *Inquisição*, vol. I, 3.<sup>a</sup> ed., 1879, p. 101) Também no vol. II, 1880, p. 160, duas vezes; alguns exemplos em *O Monge de Cister*.

Essa afeição ardente, profunda, sublime de abnegação, *ao passo que* lisonjeava-lhe o amor próprio, ainda mais o prendia a essa formosa menina, de quem o arredavam fatalmente seus instintos aristocráticos e o terror pânico da mediania laboriosa. (José de Alencar, *Senhora*, II parte, cap. V, p. 144)

Em vista de tão conciso nome, cessaram as minhas averiguações, *ao passo que* a curiosidade se foi aumentando. (Camilo, *As Três Irmãs*, I parte, cap. I, p. 19)

68. Todavia é claramente contrastiva em:

Na terra havia dous jornais, e nenhum lhe tinha ainda chamado virtuosa, *ao passo que* a sua presumida rival D. Benedita por mais duma

(80) «A locução *ao passo que* pode ser empregada sem idéia proporcional, para indicar que um fato não se deu ou não tem as características de outro já enunciado» (Evanildo Bechara, *Lições de Português*, p. 168) V. também a observação de Leite de Vasconcelos transcrita no § 63.

vez tinha sido abençoada pelas gazetas. (Camilo, *Amor de Salvação*, 6.<sup>a</sup> ed., cap. I, p. 11)

As reticências são pontos em forma literal porque só com elas se consegue não dizer nada, *ao passo que* todas as indelicadezas se acham contidas no *abc* (Idem, *Novelas do Minho*, 1945, p. 47) Também nas *Estrelas Finestras*, 2.<sup>a</sup> ed., 1869, I parte, cap. III, p. 58.

O calor do sol está dizendo aos homens que vão descansar e dormir, *ao passo que* a frescura relativa da noite é a verdadeira estação em que se deve viver. (Machado de Assis, *Contos Fluminenses*, vol. I, Jackson, [1955], p. 49) Também em *Quincas Borba*, INL, 1969, cap. XCIX, p. 226; *Memórias Póstumas*, cap. XCVIII, pp. 246 e 247; *Ressurreição*, cap. V, p. 64; cap. XVIII, p. 198; Rui Barbosa, *Cartas de Inglaterra*, 2.<sup>a</sup> ed., 1929, p. 290.

69. *Entretanto que* é só da linguagem literária tensa, e de emprego muito raro. Neste exemplo se pode notar a interferência das noções de tempo e contraste:

*Entretanto que* tinha tinha o sentido na fermosura do edifício espiritual que fabricava, descuidou-se de lançar mais profundos os alicerces de humildade. (Bernardes, *Estímulo Prático*, 1730, p. 61)

Mas é nitidamente contrastivo em:

E, *entretanto que* os perdulários, por feiras e romarias esbanjavam o oiro não sagrado do suor de seu rosto, tanto o brasileiro como o doutor, previstos como todos os velhacos espiritados pela fortuna, mudaram residência para Braga. (Camilo, *O Demônio do Ouro*, vol. II, 5.<sup>a</sup> ed., 1927, cap. I, pp. 17-8)

A senhora, procurando-me no céu entre as estrelas e os anjos, e não me achando aí, sofreria uma cruel decepção; *entretanto que* eu na terra, ficarei reduzido à sombra da mulher que amei. (Alencar, *A Pata da Gazela*, [1924], cap. XVI, p. 197)

Outros exemplos em Rui Barbosa, *Obras Completas*, vol. XLVI, tomo I, pp. 212-3; Camilo, tradução das *Riquezas do Pobre*, cap. V, p. 18 (comentário de Otoniel Mota sobre esse texto nas *Lições de Português*, 8.<sup>a</sup> ed., 1937, p. 322); cap. XVIII, p. 75 (comentário do mesmo gramático na *Seleta Moderna*, 7.<sup>a</sup> ed., 1940, p. 74).

70. *Entanto que*, como comparativo, ocorre excepcionalmente em textos atuais; mas é próprio do português medieval e clássico, e provavelmente podia exprimir comparação.<sup>81</sup>

fui conseqüentemente obrigado a transliterar os caracteres desses sistemas em letras romanas. Para este fim escolhi os versaletes, *entanto que* as palavras latinas as cito em romano spacejado (Gonçalves Viana, *Apostilas*, 1906, vol. I, p. VIII)

(81) Os exemplos de *entanto que* são muito raros; Heráclito Graça apresenta alguns nos *Fatos da Linguagem*, 1904, p. 242, dos quais a maioria indica tempo.

71. Às vezes a conjunção *se* aparece em oração que exprime contraste.

*Se* os séculos do Renascimento criaram a burguesia que conquistou o poder, o século XIX, com a máquina, criou os proletariados (Fidelino de Figueiredo, *Motivos de Novo Estilo*, p. 33)

Não me culpeis a mim de amar-vos tanto  
Mas a vós mesma, e à vossa formosura:  
Que, *se* vos aborrece, me tortura  
Ver-me cativo assim do vosso encanto.  
(Vicente de Carvalho, *Poemas e Canções*, p. 218)

*Se* por vinte anos nesta furna escura,  
Deixei dormir a minha maldição,  
Hoje, velha e cansada da amargura,  
Minha alma se abrirá como um vulcão.  
(Olavo Bilaque, *Poesias*, p. 225)

72. O seguinte exemplo de *em lugar que* indicando contraste deve ser um caso isolado:<sup>82</sup>

a mesma vaidade que nos faz ser ingratos para com os mais homens, é a que nos faz ser agradecidos para com os príncipes. E com razão, porque nestes o favor sempre é puro e generoso, *em lugar que* nos mais homens sempre é inficionado de algum gênero de interesse: nos príncipes os benefícios nascem de liberalidade, nos mais homens procedem de premeditação (Matias Aires, *Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens*, 1752, p. 76)

73. Em galego, «Os nexos «enquanto que», «ao passo que» non están en uso, aínda que o segundo acharía cómodo lugar no sistema. Oise, en troques, «mentras que.»<sup>83</sup>

O português, impulsado pela independência política, desenrolouse com uma língua de estado e de cultura, *namentras que* o galego, non apoiado por um poder local, perde a sua categoria de idioma oficial e literário para persistir, com notável capacidade de resistência, como fala coloquial. (Carballo Calero, *Sobre língua e literatura galega*, p. 211)

74. O espanhol pode exprimir contraste com *en tanto que*, *al paso que*. Semelhantemente ao que sucede em português, há tendência para usar-se *mientras* como temporal e *mientras que* como comparativo.

La Real Academia Española, defensora del criterio tradicional — heredado de la gramática latina — afirma que las coordinadas causales expresan la razón o causa lógica, *en tanto que* las subordinadas causales expresan el motivo o causa real. (Pérez-Rioja, *Gramática*, p. 400)

(82) Note-se a semelhança com o francês *au lieu que*, usado para marcar contraste (*infra*, § 77).

(83) Carta do Prof. Carballo Calero.

AL PASO QUE. Frase conjuntiva temporal que significa 'al mismo tiempo que'. Suele tener el mismo matiz (sic) de contraposición que *mientras*: *El descansaba todas las tardes, el paso que nosotros siempre trabajábamos.* (Manuel Seco, *Diccionario de dudas*, s.v.)

purificáis por fuera la copa y el plato, *mientras* por dentro están llenos de rapiña e intemperancia (Biblia de Jerusalén, *San Mateo* 23.25)

Resolveremos estos asuntos, que son urgentes y cuya documentación está completa, *mientras que* no sucede eso en los otros. (In Bello, *Gramática*, p. 149)

Yo he hablado siempre bien de él, *mientras que* él no pierde ocasión de meterse conmigo. (M. Moliner, *Diccionario*, "mientras")<sup>84</sup>

75. No *Diccionario de dudas* escreve Manuel Seco em MIENTRAS: «Conjunción temporal que expresa simultaneidad entre las acciones de las oraciones principal y subordinada: no *puedo oír la radio mientras estudio.* Toma un matiz (sic) adversativo cuando las ideas de una y otra oración son contradictorias: *te amo, mientras tú me aborreces.*» E em MIENTRAS QUE: «Conjunción temporal equivalente a *mientras*: *Mientras que puedas, mantente en tu postura.* Pero es más frecuente que el valor puramente temporal el matiz (sic) adversativo: *él trabajaba, mientras que ella no hacía nada; él amo había pecado deliberadamente, mientras que el criado lo hizo por ignorancia.*»

76. O italiano usa *mentre, mentre che, se, laddove, quando, quando invece*.<sup>85</sup> Os dicionários de Petrocchi e Palazzi distinguem o valor temporal do valor «adversativo» dessas orações:

In significato avversativo. *Volete voi che vi tolleri con pazienza [mentre] che gliè ne fate di tutti i colori.* (Petrocchi)

*cong. avversativa, laddove, quando invece*: non lo vuole, mentre tutti ne vanno pazzi (Palazzi)

*Mentre* al Messico il castigliano ha conservato pressoché intatta la propria purezza, in Argentina *invece* la sua pronuncia è orribilmente corrotta.

Se il Seicento italiano era valso a incidere segni profondi nell'arte di là dai confini della penisola, col Settecento la nostra pittura s'inserisce direttamente nel gran giuoco europeo.

Continua a volergli bene, *quando* quello tradisce. (Petrocchi)

(84) Na mesma obra, exemplo de *mientras* temporal: «Tiene costumbre de cantar mientras se afeitá. (En tanto que, a la vez que)».

(85) V. Vittorio Mistruzzi, *Grammatica italiana*, [2.ª ed.] [1965], pp. 307 e 309.

77. No francês falado é comum justapor-se duas orações independentes cujos sentidos se opõem por contraste. Principalmente na língua escrita aparecem as conjunções *quand, lorsque, alors que, tandis que, pendant que, au lieu que, cependant que, si*.<sup>86</sup>

J'avais connu jadis Lucien Sabatini au Lycée de Rouen. Il était en "taupe" *lorsque* j'étais en philosophie (André Maurois, "Le diable dans la mine", apud W. Lough, *French Tales of Our Time*, [1961], p. 129)<sup>87</sup>

"alors qu'on vous attendait, vous n'êtes pas venu" (exemplo qui montre le passage du sens temporel au sens adversatif) (Dauzat, *Grammaire raisonnée*, 5<sup>e</sup> éd., [1958], p. 390)

V. «alors que» no dicionário Petit Robert. *Cependant que* arcaizou-se, como o seu correspondente português *entretanto que*. *Au lieu que* e *si* devem ser raros:

Il est fainéant et dissipé, *au lieu que* (= *tandis que*) son jeune frère travaille et entretient toute la famille. (Ayer, *Grammaire comparée*, 1900, p. 658)

*Si* le problème de l'origine du langage ne comporte aucune solution satisfaisante, il n'en va pas de même du problème de l'origine de l'écriture. (J. Vendryes, *Le langage*, 1921, p. 367)

Haase ensina que *où* contrastivo é raro e só se encontra no começo do século XVII:<sup>88</sup>

Il distingue la prudence d'avec la subtilité d'esprit, en ce que celle-ci se porte indifféremment au bien et au mal, *où* la prudence est constante et invariable. (Balzac, *Prince*, XXVI)

78. No século passado Girault-Duvivier tentou distinguir os empregos de *pendant que* e *tandis que*: «*Pendant que* indica a simultaneidade de dois acontecimentos (). *Tandis que* indica não a simultaneidade (), mas uma oposição (). — *Tandis que vous vous divertissez, je me consume dans le chagrin*. Aqui não se quer indicar precisamente a simultaneidade

(86) Na *Syntaxe* de Sandfeld, vol. III, há seis páginas dedicadas às «propositions adversatives», estudadas logo depois das temporais. Leitura indispensável.

(87) Há quem considere ambíguo o exemplo, não se podendo dizer se é temporal ou contrastivo. «En tant qu'elles sont primitivement des propositions temporelles, il est impossible de fixer rigoureusement des limites qui permettent de les distinguer nettement de celles-ci.» (Sandfeld, *Syntaxe*, vol. III, § 181, p. 301).

(88) A. Haase, *Syntaxe française du XVII<sup>e</sup> siècle*, traduite par M. Obert, 5<sup>e</sup> éd., 1965, § 38.H, p. 79.

de duas coisas, mas a oposição de duas coisas que são simultâneas.»<sup>89</sup>

79. Bescherelle contradisse-o inteiramente: «Essa distinção está em contradição com o uso de nossos melhores escritores.»<sup>90</sup> Na realidade, tanto uma locução como a outra aparecem quer nas temporais, quer nas comparativas. São extremas, pois, as posições dos dois gramáticos. A distinção não é rígida, como parecia acreditar Duvivier; mas há realmente uma tendência para usar-se *pendant que* como temporal e *tandis que* como comparativo —, o que Bescherelle provavelmente não percebera: «M. E. Philipot () soutient () que l'emploi temporel de *tandis que* est en baisse; en revanche, l'emploi oppositionnel est on ne peut plus vivant.»<sup>91</sup>

80. Esse fato enquadra-se na tendência assinalada neste estudo de se empregarem, cada vez mais, conectivos diferentes nessas orações que, originariamente, eram só temporais. O êxito de *enquanto que* no português moderno pode ter sido favorecido pela semelhança com o *tandis que* francês. Interferência de tempo e contraste se vê em:

Je voulus écarter les deux hommes, mais ils saisirent mes bras, sans aucune brutalité d'ailleurs, et m'immobilisèrent, *tandis qu'un* troisième, avec dextérité, tirait de la poche de mon pantalon le revolver que

(89) Ch. P. Girault-Duvivier, *Grammaire des grammaires*, nouvelle édition, Bruxelles et Leipzig, A. Lacroix, Verboeckhoven et C<sup>o</sup>, 1863, p. 316. (A respeito dessa obra existe o trabalho de Jesse Levitt, *The Grammaire des grammaires of Girault-Duvivier*, *Janua Linguarum*, series major, The Hague-Paris, Mouton, 1968, 338 pp.)

(90) M. Bescherelle, *Grammaire nationale*, 10<sup>e</sup> édition, Paris, Garnier, 1860, p. 837.

(91) Kr. Nyrop, *Grammaire historique de la langue française*, tome VI, Copenhagen, Gyldendalske Boghandel Nordisk Forlag, [1930], § 154 a, p. 405. Vejamos também: 1. Le Bidois, *Syntaxe du français moderne*, 2<sup>e</sup> édition revue et complétée, tome II, Paris, Picard, 1967, §§ 1408, 1410 e 1573. 2. Joseph Hanse, *Dictionnaire des difficultés grammaticales et lexicologiques*, Amiens, Les Editions Scientifiques et Littéraires, [1949], verbe *tandis que*. 3. A. Epifânio da Silva Dias, *Gramática Francesa*, 8.<sup>a</sup> ed., Porto, Livraria Universal, [1895], III parte, seção II, cap. VII, § 388, pp. 365-6.

«Littré also makes the distinction but says it is not always observed. [Littré under *pendant que*] Nineteenth-century writers make little or no distinction, [Sandfeld, II, 270] and may use the two conjunctions for stylistic variation: / Et alors, *tandis que* la lutte continuait, *pendant que* les balles se croisaient au-dessus de sa tête, il gagna l'avant du train. [Verne, *Tour du monde* (Sandfeld, II, 270).] (Jesse Levitt, *The Grammaire des grammaires of Girault-Duvivier*, The Hague, Mouton, 1968, p. 239).

Cp.: «Cherchez l'Éternel *pendant qu'il* se trouve; / Invoquez-le *tandis qu'il* est près.» (Louis Segond, *Ésaie* 55. 6).

j'avais coutume d'y porter. (André Maurois, apud W. Lough, *French Tales of our Time*, p. 134)

81. A noção de contraste da locução *tandis que* pode ser realçada pela expressão *au contraire*:

Peu à peu Venise et les autres ports méditerranéens entrèrent en décadence *tandis qu'au contraire* les ports de l'Atlantique virent leur prospérité s'amplifier.

82. A ênfase pode ser expressa pela retomada da noção de contraste, na principal, por um adjunto adverbial de contraste. Em português, *na verdade, na realidade, ao contrário*; no italiano, *invece*.<sup>92</sup>

### 83. Orações locativas

*Onde* houver soberba, aí haverá também ignominia; *onde*, porém, há humildade, aí há igualmente sabedoria. (Figueiredo, *Provérbios*, 11.2)

Posto que costumem estudar os adjuntos adverbiais de lugar, subdividindo-os em quatro grupos (lugar onde, aonde, donde e por onde), em geral as gramáticas portuguesas não se referem às orações que indicam lugar. A Nomenclatura Gramatical Brasileira e a Portuguesa concordam nesse ponto, não abrindo subdivisão para as locativas. A primeira gramática portuguesa que as registrou parece ter sido a de Júlio Ribeiro, desde a 1.<sup>a</sup> edição em 1881, § 379, p. 204: «Onde quebraste o pote procura a rodilha.» Adolfo Coelho não falava em orações locativas, mas incluiu entre as «proposições adverbiais» a do seguinte exemplo: «Lisboa está situada *onde* o Tejo se

(92) Em inglês, *whereas* é raro como concessivo (although), e parece que nunca indica tempo, mas é comum como contrastivo equivalendo a «but in contrast», «while on the contrary», «while on the other hand», implying opposition or contrast to what precedes (Webster): («Some people like fat meat, *whereas* others hate it.» «It fuses, *whereas* tungsten resists fusion.» *While* exprime tempo, concessão e contraste, mas neste último caso prefere-se *whereas*: «Jane was dressed in brown *while* Mary was dressed in blue.» «There are lamentable gaps in our knowledge of some of the early pioneers of linguistics, *while* in the contemporary history of current trends the problem is an opposite one, that of trying to select from the great mass of published material that which is likely to be of permanent historical significance.» (R. H. Robins, *A Short History of Linguistics*, [London], 1967, p. v).

O alemão usa *während* para exprimir a comparação por diferença: *wohnen, während, wo... doch* (bei Gegensätzen): *he is lazy whereas his father works hard* er ist faul, während sein Vater schwer arbeitet.

alarga em golfo.»<sup>93</sup> Ribeiro de Vasconcelos diz: «*Irei para onde o clima for mais benéfico* (adverbial de lugar).»<sup>94</sup> Também Carlos Pereira, sem usar denominação especial, colocava entre as adverbiais orações do tipo «*Para onde eu vou não podeis ir agora.*» (Figueiredo).<sup>95</sup> Joseph Hüber dedica o § 481 do *Altportugiesisches Elementarbuch*, 1933, às «Lokal-sätze».

84. Ayer procura distinguir claramente as adverbiais locativas, as adjetivas, as substantivas interrogativas indiretas e as concessivas indefinidas.<sup>96</sup> As gramáticas latinas e gregas não fazem menção de orações locativas; consignam-nas as obras de Kruisinga, Jespersen, Zandvoort,<sup>97</sup> a *Grammaire Larousse du XX<sup>e</sup> siècle*, *Le bon usage* de Grevisse, a *Gramática da Academia Espanhola*, a de Regula e Jernej,<sup>98</sup> Haase interpreta-as como temporais, e Le Bidois as classifica como adjetivas, mas observa que «elas exercem sempre a função de objeto circunstancial de lugar ou de tempo».<sup>99</sup>

- 
- (93) F. Adolfo Coelho, *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*, Porto, 1891, p. 120.
- (94) António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, *Gramática Portuguesa*, [1898], p. 203.
- (95) Carlos Pereira, *Gramática Expositiva*, 99.<sup>a</sup> ed., [1956], § 525, B. *Gramática Histórica*, 1916, § 507, 3.<sup>o</sup>, p. 352; § 804, p. 568. Entre os modernos Gama Kury, *Lições de Análise*, § 130, p. 92 e Bechara, *Lições de Português*, que diz que as orações adverbiais locativas reduzidas podem enquadrar-se nas que exprimem meio e instrumento (pp. 201 e 207).
- (96) Ayer, *Grammaire comparée*, 1900, § 298, p. 642. A. A. Cortesão faz exatamente essa distinção quádrupla na 26.<sup>a</sup> ed., emendada e acrescentada, da *Nova Gramática Portuguesa* de Bento José de Oliveira, Coimbra, 1904, p. 121. Embora não cite Ayer nesse local, é muito provável que tenha sido influenciado por ele; o gramático suíço é muitas vezes mencionado nas notas de rodapé.
- (97) E. Kruisinga, *A Handbook of Present-Day English*, Part II, English Accidence and Syntax, 3, fifth edition, Groningen, P. Noordhoff, 1932, § 2300, p. 401: Fools rush in where angels fear to tread. It must be Bruddersford, for there, where so many roads meet, is the Town Hall. (Priestley, *Good Companions*, ch. I, § I, p. 2) Otto Jespersen, *Essentials of English Grammar*, London, [1954], p. 369: Dick lay where grass was thickest. *Whither* thou goest, I will goe; and *where* thou lodgest, I will lodge (AV.). Vide também Zandvoort, *A Handbook of English Grammar*, § 631.
- (98) Félix Gaiffe et alii, *Grammaire Larousse du XX<sup>e</sup> siècle*, Paris, [1952], § 156, p. 105. Maurice Grevisse, *Le bon usage*, § 1020, p. 1056. Real Academia Española, § 401, p. 353. Regula e Jernej, *Grammatica italiana descrittiva*, § 163, p. 281; § 109, II, 4, p. 208.
- (99) A. Haase, *Syntaxe française du XVII<sup>e</sup> siècle*, 5<sup>e</sup> éd., 1965, § 38.G, p. 79. Le Bidois, *Syntaxe du français moderne*, 2<sup>e</sup> éd., 1967, vol. II, § 1357, pp. 385-6.

85. Indicam as orações locativas o lugar onde se realiza, se realizou, se realizará ou se realizaria o fato mencionado na oração principal. Ensina Grevisse que o indicativo e o condicional indicam, em francês, respectivamente fato real e fato eventual (o português usa o subjuntivo em lugar do futuro do pretérito);<sup>100</sup> talvez se possa dizer também que exprimem lugar determinado e lugar indeterminado, mas é claro que no segundo caso a ação não se realiza: é uma ação possível, no presente, no passado ou no futuro.

86. Em português as locativas são introduzidas principalmente por *onde* e *onde quer que*. Os que não admitem a existência das orações adverbiais locativas, considerando-as adjetivas, analisam esse *onde* como pronome ou advérbio relativo sem antecedente, ou com antecedente subentendido (a palavra *lugar*). Segundo esse raciocínio, não existem orações adverbiais temporais, modais, causais, etc., porque é necessário, por coerência, considerar relativos o *quando*, o *como*, o *porque* (ou *por que*):

Estou pronto a sustentar o que avancei (no lugar) onde ele quiser, (do modo) como ele quiser e (no tempo) quando ele quiser.

Como não se admite antecedente para as outras orações adverbiais, não se pode também admiti-lo para o *onde* das locativas. A solução que naturalmente se impõe é considerar esse nexos uma verdadeira conjunção subordinativa, que não se deve confundir com o advérbio interrogativo (*Onde estás?*) nem com o advérbio relativo (*A casa onde moro é bonita*). Só se podem coordenar elementos da mesma natureza, da mesma função; não se coordena um substantivo com um verbo, nem um sujeito com um objeto direto, nem uma oração adjetiva com uma adverbial. Se as locativas fossem adjetivas, não poderiam coordenar-se, como de fato se coordenam, com as adverbiais:

os albigenses ( ) nem davam ouvidos às prédicas dos dominicanos e de outros controversistas, nem cediam à violência, *onde e quando* achavam em si recursos e força para a repelirem. (Alexandre Herculano, *Inquisição*, vol. I, livro I, p. 16)

*Onde e quando* os herejes ou reputados tais podiam recorrer às violências para obter desforço, não as poupavam. (Idem, *ibidem*, p. 36)

é preciso dizer a este senhor que estou pronto a sustentar o que avancei, *onde, como e quando* ele quiser!... (Joaquim Manuel de Macedo, *O Moço Loiro*, p. 14)

(100) Grevisse, *op. cit.*, § 1021, p. 1056.

Porque o Espírito Santo espira *onde*, e *como*, e *quando quer* (Bernardes, *Estímulo Prático*, 1730, p. 69)

Perante esse paralelismo, parece natural aceitar-se *onde* como conjunção subordinativa, sem função sintática na oração que introduz; trata-se de um mero conectivo (instrumento gramatical, vocábulo gramatical, morfema vazio livre).<sup>101</sup>

87. *Onde* deveria ser usado, por coerência, apenas quando o verbo da principal não indicasse movimento, mas não é essa a prática dos escritores.

*Onde* não há quem governe, perecerá o povo; *onde*, porém, há muitos conselhos, ali haverá salvação. (Figueiredo, *Provérbios*, 11.14)

como se deixaram levar *onde* não pretendiam ir? (Vieira, *Sermões*, vol. I, col. 633)

à vista de todos o levou *onde* nunca mais foi visto. (Bernardes, *Floresta*, vol. I, p. 406)

*onde* o caminho é único, a deliberação é ociosa. (Idem, *Estímulo Prático*, p. 15. Cp. com exemplo semelhante no § seguinte)

Há uns infames fortes que vão *onde* querem ir com intrépido ânimo. (Camilo, *Coisas Espantosas*, cap. IV, p. 33)

88. Com verbos de movimento aparecem *aonde*, *para onde*, e é lícito subentender-se o mesmo verbo na subordinada.

O político deseja levar o povo *aonde* lhe convém [levá-lo].

Manda-lhe dar piloto que de jeito  
Seja astuto no engano e tão prudente,  
Que os leve *aonde* sejam destruídos,  
Desbaratados, mortos ou perdidos.  
(*Os Lusíadas*, I, 82)

Com todas juntamente se partia  
Pera estorvar que a armada não chegasse  
*Aonde* pera sempre se acabasse.  
(*Ibidem*, II, 19)

ainda nos maiores rigores de vossa justiça, nunca chegais com a severidade do castigo *aonde* nossas culpas merecem [que chegueis]. (Vieira, *Sermões*, vol. III, p. 473)

*Aonde* estiver meu corpo, ali correrão as águias. (Idem, *ibidem*, vol. I, col. 606)

*aonde* o caminho é único, o parar-se a cuidar é ocioso. (Bernardes, *Floresta*, vol. V, p. 153. Cp. o exemplo semelhante do § anterior)

(101) V. a *Gramática Resumida* do irmão Arnulfo (Celso Pedro Luft), 2.<sup>a</sup> ed., [1963], pp. 164-5.

Vá *aonde* quiser, mas fique morando conosco (Machado de Assis, *Dom Casmurro*, cap. V, § 39, p. 73)

Só vou *para onde* fores.

A nossa pobre irmã irá *para onde* nós formos. (Camilo, *Vingança*, cap. V, p. 45)

89. Às vezes aparecem outras preposições:

Estiravam-lhe a consciência *até aonde* a elasticidade deu de si. (Camilo, *A Filha do Regicida*, cap. X, p. 89)

Começou *por onde* devia acabar.

90. *Onde quer que*, mais vago por exprimir lugar indeterminado, pode construir-se com o indicativo ou com o subjuntivo. Eis alguns exemplos do primeiro caso:

Tanto os sectários da supremacia temporal como os da espiritual buscavam fazer triunfar as próprias opiniões *onde quer que* o seu voto PODIA pesar ou ser ouvido. (Herculano, *Casamento Civil*, p. 215)

No meio desta acrimônia que lhe inspirava a sociedade, não perdera porém Amélia de todo a crença na nobreza d'alma, e sabia respeitá-la *onde quer que* a DESCOBRIA. (José de Alencar, *Senhora*, II parte, cap. VIII, p. 166)

Mais frequentes são os exemplos de subjuntivo:

Enquanto apascentar o largo pólo  
As estrelas, e o sol der lume ao mundo,  
*Onde quer que* eu VIVER, com fama e glória  
Viverão teus louvores em memória.  
(*Os Lusíadas*, II, 105)

Faça pazes com os desprezos, calúnias e adversidades; e *onde quer que* ENCONTRAR esta cruz, adore-a e arroje-se a abraçá-la (Bernardes, *Luz e Calor*, p. 357)

As dúvidas o acompanharão *onde quer que* nos ACHEMOS, porque elas moram eternamente no seu coração. (Machado de Assis, *Ressurreição*, cap. XXIII, p. 252)

Que a oração era sempre oração, *onde quer que* a alma FALASSE a Deus. (Idem, *Esau e Jacó*, cap. VII, p. 36)

O mundo era assaz vasto, e eu tinha os meios de viver *onde quer que* HOUVESSE ar puro e muito sol (Idem, *Brás Cubas*, cap. LXIII, § 546, p. 204)

Aparecia Tomás *onde quer que* o ódio político LEVEDASSE uma conspiração. (Camilo, *Doze Casamentos Felizes*, 7.º casamento, cap. II, p. 108)

Todas as flores te hão de festejar, minha filha, e o meu coração te será companhia *onde quer que* VÁS. (Idem, *Estrelas Propícias*, cap. XIII, p. 133)

91. Também se usam as preposições *para* e *de* para indicar direção e ponto de partida:

Tudo no mundo é vão, por isso a vaidade é a que move os nossos passos; *para donde quer que* vamos a vaidade nos leva, e imos por vaidade. (Matias Aires, *Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens*, p. 23)

Não temas nem hajas medo; porque o Senhor teu Deus é contigo *para qualquer parte que fores*. (Figueiredo, *Josué*, 1.9)

o ar, *para onde quer que* me voltasse, aparecia recortado de convulsões. (Machado de Assis, *Várias Histórias*, p. 160)

Os jornais são monstros tentaculares que, se drenam do público rios de ouro, em troca lhe dão acepices dos mais finos, mandados vir *de onde quer que* se encontrem, custem o que custarem. (Monteiro Lobato, *Na Antevéspera*, p. 61)

92. *Antes que* normalmente indica tempo, mas no seguinte exemplo indica lugar:

Nos baixios da Jussara, *antes que* comece o riacho, viu a fumaça cegando. (Adonias Filho, *Corpo Vivo*, pp. 13-4)

Por estar em correlação com um *desde* usado para indicar lugar, *até*, no seguinte exemplo, parece também exprimir idéia de lugar, embora esteja regendo um infinitivo:

Depois ouvi o reboar dos trovões que rolaram, rolaram *desde* os confins do céu *até* rebentarem sobre a minha cabeça. (Camilo, *Anátema*, cap. XIX, p. 274)

93. *Per u* e *atam longe* como são arcaicas.

Pois esto disse, começou-se a ir o mais toste que pode *per u* cuidou que a besta siia. (*A Demanda do Santo Graal*, ed. de 1955, vol. I, cap. CXXII, p. 163)

Entam lhes aveeo que virom sair de uũ vale a besta ladrador ( ). Galaaz, *atam longe* como a viu, conheceu-a (*Ibidem*, cap. CXXI, p. 159)<sup>102</sup>

94. O espanhol usa *donde*, *por doquiera*, etc.

*donde* esté tu tesoro, allí estará también tu corazón. (Bíblia de Jerusalén, *Mateo*, 6.21)

Y esto mismo sucedía en el Paraguay y en Chile y *por doquiera* la Iglesia Romana enviaba a sus hijos.

(102) Cp este exemplo citado por Grevisse, § 1018, a, Rem., p. 1057: «Néron d'aussi loin qu'il me vit, laissa sur son visage éclater son dépit (Rac., *Brit.*, I, 1)». Cp. também: «*Au plus loin que* (avec le subjonctif), *loc. adv. de lieu*, à la plus grande distance possible. Au plus loin que ma vue puisse s'étendre, je n'aperçois rien.» (Littré, *Dictionnaire*, édition intégrale, [Paris], Jean-Jacques Pauvert, 1957, tome 4, «loin», 9.º)

95. O italiano usa *dove*, *dovunque*.

La lingua batte *dove* il dente duole.

*Dovunque* girassimo lo sguardo, dappertutto apparivano i segni della recente battaglia.

Regula e Jernej, entretanto, não consideram locativa, mas «prop. oggettiva di scopo» a seguinte: «Siamo andati dove ci chiamava il dovere».<sup>103</sup>

96. O francês usa *où* para lugar definido e *où que* para lugar indefinido.

J'irai *où* vous voudrez.

Son talent consistait à s'enrichir *où* d'autres se ruinent. (G. Boissier, apud Epifânio Dias, *Gramática Francesa*, § 311, *Obs. 1*, p. 302)

*Où* je crois vivre plus tranquille, là je m'estime plus heureux. (Berni, apud eundem, *ibidem*)

*Où* qu'il porte les yeux, il y porte la mort. (Brébeuf, apud eundem, *ibidem*)

*Où que* vous alliez, je vous suivrai.

97. A ênfase exprime-se pela retomada da noção de lugar, na oração principal, por meio de um adjunto adverbial de lugar (port. *aí*, *ali*, *lá*; esp. *allí*; ital. *là*, *dappertutto*; fr. *là*). Releiam-se os exemplos citados nos §§ anteriores.

98. Há certas orações que indicam não um lugar material, como as estudadas até aqui, mas por assim dizer um lugar «figurado» ou virtual; parecem exprimir também assunto ou matéria. Estaria aí mais um tipo de oração adverbial? Examinem-se os exemplos:

O essencial do intenso e fértil labor de Miguel Ângelo está *em se refletir* nas suas obras o seu caráter veemente.

Neste tempo, os olhos de toda a corte ocupavam-se *em ver* o bem aposto donzel (Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, cap. VI, p. 23)

Em duas cousas peço a V. A. que ostente aqui seu poder: *em castigar* ladrões e *em me defender* deles, pois fico arriscado com os descobrir (*Arte de Furtar*, p. VII)

teriam fechado o horizonte das suas ambições *em serem* mordomos ou causídicos de algum degenerado e requítico descendente de Bayard ou do Cide, ou *em vestirem* a opa de meninos de coro de algum pecunioso cabido. (Herculano, *Inquisição*, vol. I, p. X)

(103) Regula e Jernej, *Grammatica italiana descrittiva*, § 163, 1.

Muito siso teve ele *em reconhecer* o nenhum remédio do seu mau destino (Camilo, *Estrelas Funestas*, I parte, cap. I, p. 16)

— Então o rapazola tinha orgulho *em ser* filho do sacristão?... (Idem, *Os Brilhantes do Brasileiro*, cap. IX, p. 45) Também em *A Filha do Dr. Negro*, cap. XXI, p. 219.

Pensou mesmo *em galopar* para Vila Clara (Eça de Queirós, *A Ilustre Casa de Ramires*, cap. XI, p. 413)

— Muito gosto *em o ver*, Sr. Dr. Júlio... (Idem, *ibidem*, p. 416) Também em *Alves & Cia.*, cap. I, pp. 24-5.

Ao jantar, contei a Rita o que me dissera o desembargador *sobre haver ido* a sobrinha passar alguns dias ao Flamento (Machado de Assis, *Memorial de Aires*, p. 50)

Essa pouca lealdade tinha a explicação *em que eram* realmente inferiores e não queriam confessá-lo. (João Ribeiro, *História do Brasil*, p. 441)

toda sua ambição se cifrou *em obter* um pequeno emprego (Lima Barreto, *Clara dos Anjos*, cap. I, p. 29)

Quem é que acha graça *da menina fazendo bola?* (C. Heitor Cony, *Da Arte de Falar Mal*, p. 130) folclore que porteiros e moradores antigos tinham empenho e glória *em conservar* e transmitir aos novos (Idem, *Matéria de Memória*, p. 37) não nos envergonhamos *de amar* (*Ibidem*, p. 51) Também em Érico Veríssimo, *O Senhor Embaixador*, cap. XVI, p. 141.

## 99. Em francês:

J'employai les jours qui suivirent *à achever* l'inventaire des manuscrits de la bibliothèque de Lusance. (Anatole France, *Le crime de Sylvestre Bonnard*, p. 127)

## 100. Concessivas indefinidas

Confesso também minha rotunda ignorância das leis, *embora* um princípio de direito estabeleça que a ninguém é lícito ignorá-las. (Carlos Drummond de Andrade, *Fala, Amendoieira*, p. 96)

*Qualquer que tenha sido o seu pecado*, a gente de bom coração tem pena dela (Camilo, *A Filha do Arcebispo*, cap. XXV, p. 164)

As orações concessivas «concedem», admitem a existência de um obstáculo, objeção ou dificuldade que não invalidam o fato da oração principal. Em outras palavras: algumas circunstâncias podem embaraçar a realização de certos fatos. Indicam as concessivas um impedimento ineficaz, uma circunstância que, podendo prejudicar a realização do que se afirma na principal, contudo não o faz. Isto é, a ação se realiza ou se realizaria, apesar de haver uma circunstância que pode ou poderia obstá-la.

101. É útil notar, embora nossos gramáticos não façam isso comumente, que a objeção contida nas concessivas pode ser *real* ou *irreal*. Algumas concessivas exprimem um impedimento que existiu ou existe de fato, e para indicar esse matiz os autores usam as expressões *objeção real*, *oposição real*, *fato ou circunstância real*, *caso real*.<sup>104</sup>

*Apesar de ter ido à festa* [e realmente foi], não encontrou o amigo.

102. Outras indicam um impedimento que não existiu ou não existe realmente, mas que poderia ter existido ou pode vir a existir. *Objeção possível*, *objeção suposta*, *alguma coisa de hipotético*, *circunstância suposta*, *coisa suposta*, *caso suposto*, são as expressões de que se servem os gramáticos para indicar esse segundo matiz, o de irrealidade:

*Ainda mesmo que amigos e credores o ajudassem*, como de feito o ajudariam, [mas não ajudaram] esse bálsamo não fecharia a chaga. (Camilo, *Carlota Ângela*, cap. XIII, p. 112)

103. Paralelamente, pode a oração principal enunciar, por um lado, um fato real (algo que já se realizou, que se está realizando ou que se vai realizar imediatamente); por outro lado um fato irreal ou potencial (alguma coisa que se poderia ter realizado ou que se poderá realizar).

104. Tanto o impedimento real como o irreal são conhecidos, definidos, determinados, como no exemplo de Carlos Drummond de Andrade no § 100. Há ainda outro matiz nas concessivas: o impedimento pode ser mais ou menos vago, como no supracitado exemplo de Camilo. Tem-se impedimento definido em «embora seja uma assassina»; o impedimento é indefinido em «qualquer que tenha sido o seu pecado».

105. Esse tipo de impedimento indefinido geralmente não tem sido estudado pelos que tratam da sintaxe das subordinadas. Jerpersen separa das concessivas as orações desse tipo e as agrupa sob o título de «indiferença».<sup>105</sup> Todavia, já que predomina nelas a noção de concessão, não há necessidade de criar mais uma classe de orações adverbiais: pode-se denominá-las *concessivas indefinidas*, e por oposição as outras serão *concessivas definidas*.

(104) Real Academia Española, *Gramática*, [1959], § 438, p. 397. E. Lasserre et J. Grandjean, *Cours de langue française*, II, §§ 166-7, p. 247. Kr. Nyrop, *Grammaire historique*, tome VI, § 157, p. 164; § 364, p. 366. Epifânio Dias, *Sintaxe Histórica*, § 273, a, 9, p. 210.

(105) Otto Jespersen, *Essentials of English Grammar*, p. 372.

106. As concessivas indefinidas podem apresentar-se sob duas formas: como justapostas ou como alternativas. Examinemos em primeiro lugar as justapostas, que já existiam em latim:

*Vtrumcumque feceris, reprehenderis.* Faça uma coisa ou outra, serás repreendido.

*Quisquis es, obserua legem.* Quem quer que seja, respeita a lei.

107. Nas justapostas portuguesas pode-se dar a repetição de um verbo no subjuntivo:

Conhecia-a, fosse donde fosse. (Machado de Assis, *Brás Cubas*, cap. LIX, p. 198)

*fossem quais fossem as opiniões dos seus ministros, o rei estava resolvido a fazer triunfar os desígnios da intolerância.* (Alexandre Herculano, *Inquisição*, vol. I, p. 206) Também no vol. II, p. 69.

*Suceda o que suceder* (Camilo, *As Três Irmãs*, III parte, cap. VI, p. 242. Galeão Coutinho, *Confidências de Dona Marcolina*, cap. I, p. 7; cap. III, p. 20; cap. IV, p. 21)

108. Às vezes aparecem construções em que o segundo verbo, igual ao primeiro, parece estar subentendido:

Se há saudade inconsolável, o morrer é certo, *digam lá o que quiserem* os pessimistas do coração humano. (Camilo, *As Três Irmãs*, III parte, cap. III, p. 212)

*Podia soprar o vento que quisesse*, cair toda a chuva do céu, que eles confiavam, que os corpos deles não se amoleciam, não se desmanchariam. (José Lins do Rego, *Pureza*, cap. III, p. 8)<sup>106</sup>

109. Essas orações também podem ser iniciadas por um indefinido (*quem quer que, qualquer que*):

qualquer que fosse a natureza dos seus afetos, ela os sentia sinceramente (Machado de Assis, *Ressurreição*, cap. IV, p. 48)

(106) «Quando as concessivas têm um sentido *interrogativo* (sic), podem ser indicadas pelos *pronomes relativos* e pelo advérbio pron. *onde*, designando a *pessoa*, a *coisa*, a *qualidade* ou a *circunstância* da ação. Ex.: QUEM QUER QUE o fez, está mal feito. — De QUEM QUER QUE SEJA que vos queixeis, ser-vos-á feita justiça. — Que quanto (dizia) se fizesse na terra, fossem quais fossem os meios e os princípios (ou — quaisquer que fossem), tudo vinha traçado do céu (S[ousa, *Vida do Arcebispo*]). — ONDE QUER que apareça uma censura... há uma quebra na independência do homem (H[erculano]).» A. A. Cortesão, *Gramática* de Bento José de Oliveira, 1904, p. 119, nota 1) No último exemplo a oração é antes locativa (V. supra § 83 e segs.) Carlos Pereira exemplifica esses diversos tipos na *Gramática Histórica*, 1916, p. 580, § 827 *in fine*.

— Qualquer que seja a resolução que tomares, ( ) não recues um passo. (Idem, *ibidem*, p. 56)

no fim de um mês viria embora, qualquer que fosse o estado do doente. (Idem, *Várias Histórias*, p. 158)

Quaisquer que sejam os costumes novos e ligações de família, e por maior que tenha sido a ausência, o lugar onde alguém passou os primeiros anos há de dizer à memória e ao coração uma linguagem particular. (Idem, *Memorial de Aires*, p. 105)

Qualquer que fosse o crime daquele desgraçado, a rebuscada e caprichosa desumanidade dessa punição revolta profundamente o sentimento contemporâneo. (Rui Barbosa, *Cartas de Inglaterra*, p. 135) Outros exemplos em Machado de Assis, *Iaiá Garcia*, cap. I, p. 10; Júlio Dinis, *As Pupilas do Senhor Reitor*, cap. XXIX, p. 270.

110. O espanhol usa *sea como (se) quiera... , como quiera que sea... , sea lo que fuere... , vengam sobre lo que vinieren... , llevase lo que llevase... , digan lo que digan... , esté donde esté... , que quieras que no...*

Tú me conoces, tú, y sabes bien cuán lejos estoy de rebuscar adrede paradojas, extravagancias y singularidades, *piensen lo que pensaren* algunos majaderos. (Miguel de Unamuno, *Vida de Don Quijote y Sancho*, p. 13)

Pero, en realidad, sus hijos y su marido jamás coincidirían con Del Cerro, *cualquier tema que se discutiese*. (Manuel Gálvez, *Los caminos de la muerte*, cap. II, p. 21)

111. Em italiano, «*checcché e checchessia*, pron. lett. pedantesco. Qualquer coisa.» (Petrocchi, *Dizionario*, s.v.)

Checchessia il Suo male, La guarirò. Qualquer que seja o seu mal, curá-lo-ei.

Checcché (=qualunque cosa) accada, noi non ci moveremo. Aconteça o que acontecer, nós não nos moveremos.

Checcché Lei dica, non mi persuaderà. Diga o que disser, o senhor não me persuadirá.

112. O francês dispõe de recursos semelhantes: *quel(s) que, quelle(s) que, quelque(s)... que, qui que, quoi que, où que, comme que*;<sup>107</sup> e também *qui que ce soit qui...* (ou *que, ou dont*).

Quel que soit le temps, nous sortirons.

Quelle que soit votre opinion, faites-la connaître.

Quoi qu'il fasse, il réussit toujours.

quoi qu'on fasse, / Rien ne change un tempérament. (La Fontaine)

(107) *Comme que* é desusado e causa estranheza ao falante moderno.

Où que vous soyez, vous êtes mort pour moi. (Rousseau)  
 Comme que je fasse, il m'empoisonnera. (Idem)<sup>108</sup>

A expressão *quelque... que* pode enquadrar um substantivo: *Quelque chose qu'il fasse...*<sup>109</sup>

113. Pode-se incluir entre as concessivas indefinidas os grupos de duas orações justapostas ligadas por *ou* ou por expressões correlativas (*quer... quer*; espanhol *tanto... como...*). A construção já existia em latim:

Tantum digne euangelio Christi conuersamini: ut siue cum uenero et uidero uos, siue absens audiam de uobis, quia statis in uno spiritu unanimes, conlaborantes fidei euangelii (*Philippenses*, 1.27)<sup>110</sup>

114. Parece admirável a intuição de Maximino Maciel e de Otoniel Mota, os primeiros entre nós, ao que parece, que incluíram essas construções entre as concessivas.<sup>111</sup>

Os dias da minha vida — diz Jó — ou eu queira, ou não queira, não-se de acabar brevemente. (Vieira, *Sermões*, vol. I, col. 1089)

Somente vos recomendo que vos porteis conforme ao evangelho de Cristo; para que, ou seja que eu vá a ver-vos, ou que esteja ausente, ouça de vós que permaneçais unânimes em um mesmo espírito, trabalhando concordemente na fé do Evangelho (Figueiredo, *Filipenses*, 1.27)

ou o Cordeiro suba, ou desça, sempre o acompanham (Bernardes, *Estímulo Prático*, p. 69)

(108) Os três últimos exemplos foram tomados a Bescherelle, *Grammaire nationale*, pp. 817 e 833.

(109) Nyrop estuda essas expressões no vol. V da *Grammaire historique*, §§ 307, 329, 336, 345-6. Jespersen exemplifica em inglês: *Go where he will, he is sure to find people who speak English*. (*Essentials of English Grammar*, p. 327)

(110) «hína eíte elthòn kal idòn hymàs eíte apòn akoúo tà perl hymòn, hótí ()» (E. Nestle, *Novum Testamentum Graece, Philippenses*, 1.27) «Only, let your conduct be worthy of the gospel of Christ, so that whether I come and see you for myself or hear about you from a distance, I may know that you are standing firm, one in spirit, one in mind, contending as one man for the gospel faith». (*The New English Bible*, Cambridge University Press, 1961, *Philippians*, 1.27)

(111) Maximino Maciel, *Gramática Descritiva*, 9.ª ed., p. 155. Otoniel Mota, *Lições de Português*, 3.ª ed., p. 89; 8.ª ed., § 327. Diz o seguinte Gama Kury na *Gramática Fundamental*, p. 58: «NOTA — Duas orações concessivas em coordenação alternativa prescindem de conectivo subordinativo: / «Na história da minha mágoa / ouvirei a vida inteira, / [quer eu queira, quer não queira], / a dança do pingo d'água.» (Cass. Ricardo, AP, 20.)» Observação semelhante vem nas *Lições de Análise Sintática* do mesmo autor, mas uma disposição gráfica infeliz faz supor que se trate de outra coisa: é que o título sobreposto ao § 116, onde está a OBS. 2, diz *Orações concessivas intensivas*. V. também Bechara, *Lições de Português*, p. 162.

se não vem o selo dentro, sempre tendes ação pública contra o governador, descarregando sobre ele a culpa, quer ele a tivesse por não restituir, quer a não tivesse por não haver furtado o selo. (Idem, *Floresta*, vol. I, p. 385)

Quer ele matasse, quer mandasse matar o padre Luís, o ato merecia castigo (Camilo, *A Filha do Regicida*, cap. VI, p. 44)

Mas seja este ou aquele o objeto preponderante nesse tirocínio, demore-se mais a preparação naval nos bancos da classe ou no trato do oceano, todos estão de acordo em que há de ser lenta, complicada, paciente. (Rui Barbosa, *Cartas de Inglaterra*, p. 267)<sup>112</sup>

### 115. Em espanhol e francês:

para que tanto si voy a veros como si estoy ausente, oiga de vosotros que os mantenéis firmes (Bíblia de Jerusalén, *Filipenses*, 1.27)

Qu'il pleuve, qu'il vente, je partirai.

Qu'il vienne ou qu'il reste (ou: "qu'il vienne ou non"), peu m'importe. (Dauzat, *Grammaire raisonnée*, p. 382)

— Croyez-vous qu'on n'a jamais parlé de nous? Qu'on sache ou qu'on ne sache pas, on parle.

Seulement, conduisez-vous d'une manière digne de l'Évangile de Christ, afin que, soit que je vienne vous voir, soit que je reste absent j'entende dire de vous que vous demeurez fermes dans un même esprit, combattant d'une même âme pour la foi de l'Évangile (Louis Segond, *Philippiens*, 1.27)

### 116. Orações causais irrealis

Os dois homens passaram à varanda, *sob a alegação de que* era mais fresco. Cada um com seu copo de uísque, começaram logo, baixinho, a trocar anedotas, entre risadas. (Fernando Sabino, *O Homem Nu*, p. 94)

Indicam as orações causais o motivo, a razão, o porquê daquilo que se enuncia na oração principal, noção que pode opor-se à idéia de impedimento ineficaz (concessão):

(112) No seguinte trecho estão coordenados por meio de *seja* vários substantivos seguidos de oração adjetiva. Embora não se trate de orações concessivas, há nesse conjunto a noção de impedimento indefinido: «Todos pensam na sua amada durante o dia, nas horas de trabalho. Seja o milionário que ganha rios de dinheiro com um simples telefonema, seja a datilógrafa que bate à máquina no escritório mediocre, seja o revolucionário que espera a morte num campo de concentração, seja o inútil que dorme até o meio-dia e que não tem o que fazer durante a tarde, seja o mestre de saveiro atravessando as águas com seu barco. Todos pensam um momento em seu amor (Jorge Amado, *São Jorge dos Ilhéus*, p. 122)

É bom por ser teu filho / É bom apesar de ser teu filho.

O reitor da colegiada de Santa Maria de Celorico, posto que assaz duro da orelha latina, ou antes porque o era, não se cansava de elogiar o licenciado pela sua proficiência na língua do mantuano. (Alexandre Herculano, *O Monge de Cister*, cap. XI, vol. I, p. 178)

117. As orações causais geralmente estudadas nas obras de sintaxe, de ordinário introduzidas por *porque*, indicam a verdadeira causa da realização ou da não realização do fato expresso na oração principal. Mas tanto o latim como as línguas românicas dispõem de recursos apropriados, de construções especiais para indicar, não a causa verdadeira, mas um pretexto.<sup>113</sup>

118. Costuma-se dizer que o latim usava *quod* ou *quia* com o subjuntivo quando a subordinada encerrava as palavras, o pensamento, o sentimento do sujeito da oração principal, ou quando a causa era apresentada como falsa. Talvez fosse mais simples dizer que essas orações exprimem causa irreal.

Noctu ambulabat in publico, quod somnum capere non posset.

Aristides expulsus est, quod praeter modum iustus esset.

119. Tanto quanto é possível observar, não se tem dado atenção às construções portuguesas que exprimem causa irreal. As mesmas locuções que introduzem as causais irrealis

(113) *Pretexto* é a «razão aparente que se alega para encobrir o verdadeiro motivo por que se fez ou deixou de fazer alguma coisa». (Aulete, *Dicionário*, s.v.) *Achaque* também significava «pretexto», mas arcaizou-se: «Cor, pretexto. *B. Eufr.* 1.3. *Inéd.* 1. 408. «foi mais *achaque* que causa verdadeira.»» (Morais, *Dicionário*, 1813, s.v.) Para exprimir a mesma idéia os romanos usavam *species*, *simulatio*, mas também *causa*; em português, porém, *causa* e *motivo* se opõem a *pretexto*: «frequentemente divórcios, para os quais nos parentescos verdadeiros ou supostos se iam buscar as causas ou pretextos (Alexandre Herculano, *Composições Várias*, p. 250. Também na *Inquisição*, vol. I, pp. 206 e 218; vol. II, p. 229) «com o pretexto ou o motivo de que em Santa Teresa ficava mais só, alcançou que Estela fosse lá estar algum tempo (Machado de Assis, *Iaiá Garcia*, cap. VI, p. 92. Também no *Memorial de Aires*, pp. 212-3 V. ainda Vieira, *Sermões*, vol. IV, p. 3. *Fingido pretexto* parece pleonasma: «um soldado seu lhe pediu licença para tirar algũa cinza do palácio do rei Sardanapalo, alegando para isso o fingido pretexto de certo voto.» (Bernardes, *Exercícios Espirituais*, vol. I, p. 479)

Existem também adjuntos adverbiais de causa irreal: «Cogitava ele no ferrete de desonra que lhe infamaria o nome, se *sob cor de enfermidade* se esquivasse à vida militar.» (Camilo, *Bruza*, XI, 95). «recusou jantar de homenagem a *pretexto de indisposição intestinal* (J. Amado, *Tenda dos Milagres*, p. 85)

podem também indicar fim irreal, de modo que só o contexto decidirá se se trata de causa ou fim. *Sob o pretexto de que* parece ser mais comum que *sob pretexto de que*; *sob a alegação de que*, *sob a desculpa de que*, *com o pretexto de que* são expressões modernas talvez ainda não completamente gramaticalizadas.

O ministro tirou-me as bandeiras *sob o pretexto de que* eu exigia um preço excessivamente elevado. (Machado de Assis, *Crônicas*, vol. IV, p. 39) Também em Dálton Trevisan, *A Guerra Conjugal*, p. 16. Érico Veríssimo, *O Senhor Embaixador*, cap. XI, p. 95; cap. XXV, p. 208.

A hostilidade, a guerra, a destruição da economia paulista, *sob pretexto de que* estava em desequilíbrio com o resto do país (Monteiro Lobato, *Mr. Slang e o Brasil*, cap. X, p. 58) Também em A. Herculano, *O Monge*, vol. I, cap. XIII, p. 242. *Sob pretexto que*, sem preposição, em Camilo, *Fani*, cap. L, p. 100. *Com o pretexto de que* em Agustina Bessa Luís, *O Manto*, p. 40. Camilo, *Novelas*, vol. II, p. 129.

A maioria se adapta ao estalão comum, *sob a desculpa de que* moral pública e moral privada são diferentes

120. As reduzidas de infinitivo iniciam-se com *a pretexto de*, *sob pretexto de*, *com o pretexto de*.

A primeira idéia foi retirar-me logo cedo, *a pretexto de* ter meu irmão doente (M. de Assis, *Várias Histórias*, p. 162) Camilo, *Anos de Prosa*, cap. XI, p. 114.

D. João d'Ornelas parecia meditabundo e, despedindo-se dos hóspedes, *com o pretexto de* ter de ocupar-se naquela mesma noite de graves negócios da sua ordem, saíra ao anoutecer (A. Herculano, *O Monge*, vol. II, cap. XXIII, p. 201)

E passou a estragar, a azedar a vida dos seus contemporâneos, *sob pretexto de* refrear a corrupção e forçá-los à volta aos bons costumes antigos. (Monteiro Lobato, *Na Antevéspera*, p. 195)

121. *Socolor de*, *sob color de*, *sob cor de*, sempre foram muito raras, assim como *com achaque de*.

Devia ser Serges o alugador das casas, *sob color de* querer armazenar nelas os seus gêneros (Camilo, *O Regicida*, cap. XVIII, p. 147)

*com achaque de* Odvacro lhe ordenar traição, o convidou para um banquete, onde o matou (Gaspar Barreiros, *Corografia*, f. 232 v., apud Moraes, *Dicionário*, 9.<sup>a</sup> ed., "Achaque")

122. Obras espanholas e italianas não estudam as causas irreais. Os espanhóis consideram incorreta a locução *a pretexto de*, e sentem como arcaica *so pretexto de*; parece que se pode usar *bajo pretexto de que*. O italiano serve-se de *sotto il pretesto che*.

Los profesores suelen dejar este cuidado a las familias, *bajo pretexto de que se trata principalmente de una educación.*

Non é più lecito, *sotto il pretesto che* le leggi psicologiche non possono essere leggi e per tema di cadere nell'arbitrario, mettersi a pescare nel mare obbligato e... infinito del latino il materiale bell'e creato e determinato delle lingue romanze.

123. Em geral as gramáticas francesas explicam muito bem as causais irrealis.<sup>114</sup> As locuções empregadas são *sous (le) prétexte que, sous (le) prétexte de, sous couleur de*. O francês clássico apresentava às vezes *sur le prétexte que*.

*Sous prétexte qu'il était fatigué, il n'a pas fait son travail.* (Martin et Lecomte, *Grammaire française*, p. 55)

#### 124. Orações finais irrealis

Nos dois cantos viam-se as rimas de autos velhos, que o moço pedira aos escrivães *a pretexto de* estudar certas questões; mas realmente para dar à sua banca o aspecto forense. (José de Alencar, *Sonhos d'Ouro*, cap. XXII, p. 220)

As orações finais de *para* ou *para que* indicam uma finalidade real, isto é, que a ação expressa na oração principal foi realmente realizada com vistas ao objetivo indicado na subordinada. Mas, assim como as causais podem expressar causa irreal, assim também as finais podem exprimir finalidade irreal; quer dizer, o escopo apresentado na oração adverbial é reconhecidamente falso; a finalidade verdadeira às vezes vem declarada em seguida, numa segunda oração final coordenada à anterior. Tanto quanto foi possível verificar, as sintaxes portuguesas não se referem a essa distinção que é nítida e antiga na língua.

125. Existem também adjuntos adverbiais de fim irreal, como se pode ver pelo seguinte exemplo:

Gabriel encolheu-se como fulminado pelo raio e sumiu-se da presença do Eterno com pretexto de uma vista d'olhos pelo Éden. (Monteiro Lobato, *Cidades Mortas*, p. 210)

126. O latim exprimia fim irreal em oração subordinada com *per causam* ou *per speciem* e gerúndio, *ob eam causam quod* e subjuntivo e talvez por *causam praetexens* ou *iactans*.

(114) Wagner et Pinchon, *Grammaire*, p. 582. *Grammaire Larousse du français contemporain*, § 224. Wartburg et Zumthor, *Syntaxe*, § 144, p. 95. Le Bidois, *Syntaxe*, vol. II, § 1476 («allégation spécleuse»). Não foi possível encontrar indicações para o inglês, mas é provável que se use *under colour of* e gerúndio.

127. Em português as finais irrealis só se constroem com o infinitivo, e vêm regidas pelas mesmas locuções prepositivas que introduzem as causais irrealis; o contexto decide se se trata de causa ou fim. As locuções mais comuns são a *pretexto de*, com (o) *pretexto de*, sob (o) *pretexto de*.

Mas Horácio se sentiu terrivelmente ferido quando, a *pretexto de* fazê-lo descansar, quiseram entregar a chefia do partido a um homem jovem, um advogado, novo na zona, rapaz de grande habilidade e de maior ambição. (Jorge Amado, *São Jorge dos Ilhéus*, [13.<sup>a</sup> ed], p. 94)

Aos maiores foi usurpando as fazendas para os igualar com a plebe, com *pretexto de* castigar delitos impostos ou esquecidos, cobrindo a tirania com sombras de justiça (Jacinto Freire de Andrade, *Vida de D. João de Castro*, ed. Rolandiana de 1861, p. 33) Também em Camilo, *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado*, 3.<sup>a</sup> ed., cap. IX, p. 108.

com o *pretexto de* passar comigo a última noite da minha estada aqui, veio realmente chorar tantas e tais lágrimas, como nunca as vi chorar jamais (M de Assis, *Páginas Recolhidas*, p. 73) Herculano, *Inquisição*, vol. II, pp. 202 e 246.

aproveitando a intimidade que tinha na casa e indo ao interior *sob pretexto de* dar exercício às pernas. (M. de Assis, *Histórias da Meia-Noite*, p. 109)

Ruboriza-se, compõe-se, reage, se for preciso, como já aconteceu, certa vez que o Silviano, *sob o pretexto de* despedir-se tentou abraçá-la. (Ciro dos Anjos, *O Amanuense Belmiro*, § 26, p. 74) J. de Alencar, *O Sertanejo*, parte II, cap. VI, p. 68 da 2.<sup>a</sup> ed. Melhoramentos; p. 1161 da ed. Aguilar.

A maioria dos exemplos encontrados apresenta a locução a *pretexto de*:

J. de Alencar, *Senhora*, I parte, cap. VI, p. 55; cap. IX, p. 79; cap. X, pp. 86, 87; III parte, cap. III, p. 205; cap. IX, p. 251; cap. X, p. 261. *O Sertanejo*, parte I, cap. XIX, p. 175; parte II, cap. II, p. 24. *A Patu da Gazela*, cap. VII, p. 78. Jorge Amado, *Gabriela*, pp. 37-8, 47, 94. Urbano Tavares Rodrigues, *A Noite Roxa*, p. 24.

128. Outras locuções são mais raras, mas ocorrem na linguagem moderna: *sob o disfarce de*, *com o disfarce de*, *com a finalidade aparente de*, *com o fim aparente de*.

Este proteccionismo ( ) foi restaurado pelo governo republicano *sob o hábil disfarce de* favorecer o intercâmbio com a Metrópole (Monteiro Lobato, *Na Antevéspera*, p. 170)

fui ( ) procurar Albertina, *com o disfarce de* lhe oferecer o meu préstimo. (Camilo, *A Filha do Dr. Negro*, 3.<sup>a</sup> ed., p. 8. Também no cap. VIII, p. 96)

129. *Sob (a) capa de* ocorre uma ou outra vez.

Os tios cônegos e capitães-mores, *sob capa de* administrarem os bens da viúva reclusa nas Ursulinas, introduziram em Calvados um capelão também encarregado de feitorizar as quintas (Camilo, *A Enjeitada*, cap. VI, p. 54)

macumba de grã-finos, onde, *sob a capa de* dançar uma dança religiosa, deixavam que explodissem todos os desejos recalcados. (J. Amado, *São Jorge dos Ilhéus*, p. 188)

130. *Socolor de, sob color de, sob cor de* são somente da linguagem escrita altamente estilizada.

Aqui verás com que infernais mistelas, / *socolor de* atacar a epidemia, / fomos por todas estas vizinhanças / muito mais peste do que a própria peste. (Castilho, *Fausto*, p. 76)

esta frota, *sob color de* carregar trigo no Helesponto, fora enviada a Lemnos para socorrer de feito aos de Selimbria (Latino Coelho, *Oração da Coroa*, p. 16)

Se, pelo contrário, *sob color de* defender a causa comum, conseguia que o elegessem por capitão, esperava lograr facilmente a sua empresa, já pela persuasão, já pelo engano. (Idem, *ibidem*, p. 31)

É isso que faz a propaganda oficial: estupidescer *sob color de* guiar e governar. (Fidelino de Figueiredo, *Um Colecionador de Angústias*, cap. XI, p. 86)

Saía só nas suas carruagens, e *sob cor de* pagar visitas, saía muitas vezes. (Camilo, *Coisas Espantosas*, cap. XXXV, p. 248) *A Filha do Dr. Negro*, cap. VI, p. 71.

131. *A título de* ocorre em textos clássicos e *com achaque de* arcaizou-se completamente.

Vem o regimento moderno, aguenta-lhes tudo *a título de* poupar à Fazenda Real (*Arte de Furtar*, cap. XLI, p. 200)

os fariseus, *a título de* conservarem a Lei e tradições, a dissiparam, e suas santificações pararam em profanidades. (Bernardes, *Floresta*, vol. I, p. 11. Também no vol. V, p. 235, e no *Estímulo Prático*, pp. 143-4)

os cartagineses, *com achaque de* socorrerem a cidade de Cález, ( ) se fizeram senhores da mor parte dela (João de Barros, *Panegíricos*, Sá da Costa, p. 35)

132. Às vezes, depois da oração final irreal, vem outra final, agora com a declaração do fim real; apresenta-se como coordenada adversativa à anterior, e o matiz de realidade pode vir realçado por *na verdade, na realidade, de fato, efetivamente, verdadeiramente*. V. o exemplo do § 124.

Amélia conservou-se algum tempo de pé, com o pretexto de arranjar a cadeira, *mas para dar ocasião* a Leopoldo de falar-lhe. (J. de Alencar, *A Pata da Gazeta*, cap. XIII, p. 154)

sairam os amigos a pé, com o pretexto de dar uma volta de passeio; *mas efetivamente para* mostrar a Seixas a falada menina (Idem, *Senhora*, II parte, cap. IV, p. 132)

Muitos, sob color de conservar vestígios visíveis da origem das palavras, *mas em realidade por* pedantear e inculir sabença etimológica à massa inculta, reintroduzem em dições vulgares letras supérfluas e mudas (Mário Barreto, *Fatos da Língua Portuguesa*, cap. XIX, p. 241)

Nesse dia foram necessários dez chopos para abafar a inquietação do Indalício; e ao recolher-nos, lá pela meia-noite, sai com ele a pretexto de consolá-lo, *mas na realidade para* impedi-lo de passar pelo Viaduto. (Monteiro Lobato, *Negrinha*, p. 165)

133. As construções espanholas são semelhantes às portuguesas. Quanto ao italiano não foi possível localizar exemplos, mas é provável que se usem *sotto il pretesto di, con la scusa di*.

A título de preservar los derechos de su hermano, pretendió que se le reconociera soberanía sobre los dominios americanos.

Em 1811 un ejército brasileño invadió el Uruguay *so pretexto de* poner fin a la anarquía revolucionaria.

Guevara *con pretexto de* elogiar la nobleza de Mitre, que alababa a un enemigo, referió a todo el mundo sus palabras (Manuel Gálvez, *Los caminos de la muerte*, cap. II, p. 22)

134. No verbete «prétexte» do *Dictionnaire fondamental*, apresenta Gougenheim as locuções «*sous prétexte de, sous prétexte que*, en donnant une cause qui n'est peut-être vraie». Seria preciso acrescentar: causa ou fim; e substituir «peut-être» por «jamais». Dos dois exemplos apresentados nessa obra, o primeiro indica finalidade: «Il est parti *sous prétexte d'aller chercher son frère*.»

— Nous alertons Lopez. Celui-ci monte, pénètre dans la galerie avec des hommes sûrs, *sous prétexte d'exorciser le Démon* (André Maurois, apud W. Lough, *French Tales of our Time*, p. 139)

### 135. Orações causais intensivas

Tem oito anos mas bem podia ter cinco ou seis, *de tal maneira é pequenino*. (Fernando Sabino, *A Companhia de Viagem*, p. 64)

Os adjuntos adverbiais de causa real, bem como as orações causais reais, podem ser simples ou intensivos. Isto é, assim

como o português dispõe de recursos especiais para exprimir enfaticamente um impedimento ineficaz (concessivas intensivas), assim também conta com meios específicos para denotar mais fortemente o motivo por que se realiza ou não o fato expresso na oração principal.

136. Os adjuntos adverbiais de causa real, intensivos, podem ser formadas por *de (tão)* e um adjetivo, ou por *à força de, à custa de* e um substantivo.

As pernas dela mal sustinham o ritmo do pedal, as veias do pescoço quase estouravam *de tensas*. (José Cardoso Pires, *Jogos de Azar*, p. 52)

a cena das *Prigioni de Edimburgo*, que, *à custa de esforços* seus, foi o mais bem ensaiado possível. (J. de Alencar, *Ao Correr da Pena*, p. 30)

Lábios entreabertos a sorrir, parado, sem pestanejar, quase cômico *à força do enleio*, assim o artista a escutava. (Aquilino Ribeiro, *O Homem que Matou o Diabo*, cap. I, p. 2)

*À força*, todavia, *de perseverança*, ( ) chegou a obter a aceitação de um termo médio entre os dous contratos (A. Herculano, *Inquisição*, vol. II, p. 267)

137. Said Ali denominou «concessivas intensivas» as orações introduzidas por *por muito... que, por mais... que, por menos... que... , por... que*, e que indicam enfaticamente um impedimento ineficaz.<sup>115</sup> Semelhantemente se podem denominar causais intensivas as que exprimem causa de um modo mais forte que as causais simples. Comparem-se:

Podia ter cinco anos *porque é pequenino*.

Podia ter cinco anos *de tal maneira é pequenino*. (= porque é muito pequenino)

138. O latim podia construir uma causal intensiva, por exemplo, com a ajuda de *tantus*.

Nec potis est dulcis Musarum expromere fetus / Mens animi (*tantis fluctuat ipsa malis* (Catulo, *Poesias*, 65, vv. 3-4)

não pode o espírito dizer as suaves produções das Musas, *tão grandes são as desgraças que o agitam* (Tradução de Agostinho da Silva, Coimbra, 1933)

(115) M. Said Ali, *Gramática Secundária*, 2.<sup>a</sup> ed. 1927, pp. 191-2; pp. 138-9 da ed. de [1964]. V. Evanildo Bechara, *Moderna Gramática Portuguesa*, p. 283; *Lições de Português*, p. 161. Gama Kury, *Lições de Análise Sintática*, § 116, p. 85; *Gramática Fundamental*, p. 58.

139. Em português pode-se usar *de tão... que, de tanto que*.

a raiva apertava-lhe o gasnete, e com violento esforço apenas esguichou uma palavra, que levou a rilhar entre os dentes, *de tão* cerrados *que* estavam os queixos. (J. de Alencar, *O Garatuja*, cap. XVII, p. 87) I. e.: porque os queixos estavam  *muito* cerrados.

espigavam no meio da ervagem couves gigantes, já com pretensões a arbustos, *de tão* velhas *que* eram. (Idem, *Til*, vol. I, cap. XVI, p. 118)

Veja um campo onde pastam ovelhinhas; não andam aos pares e não se distinguem, *de tão* iguais *que* elas são (Agustina Bessa Luís, *O Manto*, p. 34)

Possuía enormes olhos sem pestanas e sempre rodeados por um halo vermelho, *de tanto que* chorava. (Eadem, *ibidem*, p. 31)

140. A origem dessa construção parece clara: um adjunto adverbial de causa, introduzido pela preposição *de* e contendo um elemento intensivo (*tão, tanto*) que pede uma oração consecutiva; o conjunto gramaticalizou-se, formando uma causal intensiva, que é o que o falante moderno sente. O advérbio pode omitir-se, sem desaparecimento da ênfase (*de... que*):<sup>116</sup>

o vento *de* débil *que* era, mal podia agitar as folhas movediças das árvores (Júlio Dinis, *Uma Família Inglesa*, cap. XIV, p. 162)

Era meio-dia, um meio-dia de verão, ardente, asfíxiante, calcinador, a hora em que tudo repousa, em que as aves se escondem na folhagem, as plantas inclinam as sumidades, desfalecidas de seiva, e os ribeiros quase nem murmuram, *de* débeis e *de* exaustos que vão. (Idem, *As Pupilas do Senhor Reitor*, cap. XVII, p. 145)

*de* azoada *que* ia nem se lembrou de ajoelhar. (Camilo, *A Sereia*, cap. XV, p. 119). Também em *O Sangue*, cap. XI, p. 138; *Vingança*, cap. XX, p. 201; *Novelas do Minho*, vol. I, p. 65

141. A simplificação da expressão, sempre facultativa, foi até restar o simples *que*. Pode tratar-se de um fato estilístico, em que no nível afetivo tenha havido uma supressão de termos lógicos, sem nenhuma diminuição do valor enfático da construção.

(116) Epifânio Dias não admitia a gramaticalização da construção, nem analisava o *que* como conjunção consecutiva, mas como pronome relativo: «O pronome *que* (servindo de nome predicativo ou aposto) pode estar referido a um adjetivo, v.g. *os ribeiros quase não murmuram de débeis e exaustos QUE vão.*» (*Gramática Elementar*, § 189, 4 a, p. 113) Análise semelhante de Martins de Aguiar para as concessivas intensivas pode-se ver na *Gramática* de Bechara, p. 283.

subiu a correr a assomada da colina, curiosa *que* estava de saber donde partira o clamor. (J. de Alencar, *Til*, vol. I, cap. XIII, p. 93)

não se atreviam a trocar olhares cínicos, preocupados *que* estavam em parecer elegantes (A. Bessa Luís, *O Manto*, p. 18)

142. Por outro lado, podem aparecer somente os elementos enfatizantes, sem o *que* (*tão, tal, tanto, de tal modo, de tal forma, a tal ponto*).

TAO: não é provável que falássemos dele, *tão* pouco era o tempo para o nosso infinito. (M. de Assis, *Relíquias de Casa Velha*, vol. I, pp. 81-2. Também na p. 105) *Iaiá Garcia*, cap. VII, p. 120. *Páginas Recolhidas*, p. 92. Garrett, *Viagens*, cap. XII, p. 85. *Ciro dos Anjos, O Amanuense Belmiro*, § 6, p. 24; § 46, p. 121.

TAL: Estive quase, quase a aceitar, *tal* era o meu atordoamento (M. de Assis, *Memorial de Aires*, p. 63)

TANTO: Parecia toda a aldeia endemoninhada, *tanta* e *tão* confusa e desentoadada era a bulha, matizada e ingresia *que* ai soava. (A. Herculano, *O Monge*, vol. I, cap. IV, p. 74)

Meu encanto pela tremenda realização dos americanos sofria constantes duchas de água gelada, *tantos* eram os sinais dessa ação insidiosa, subterrânea, da sacristia aliada com a mesquinhez cerebral feminina (Monteiro Lobato, *América*, cap. XVII, p. 133) M. de Assis, *Memorial de Aires*, p. 61. José Lins do Rego, *Pureza*, cap. II, p. 6. Jorge Amado, *Gabriela*, p. 58

DE TAL MODO: E quase podia dizer que não amava Marcelo, *de tal modo* a sua alma se fatigava de temer por ele (A. Bessa Luís, *O Manto*, p. 235. Também nas pp. 13, 102, 117, 121, 279)

DE TAL FORMA: Galeão Coutinho, *Confidências de Dona Marcelina*, cap. IX, p. 71.

A TAL PONTO: Outrossim, ria largo, se era preciso, de um grande riso sem vontade, mas comunicativo, *a tal ponto* as bochechas, os dentes, os olhos, toda a cara, toda a pessoa, todo o mundo pareciam rir nele. (M. de Assis, *Dom Casmurro*, cap. V, § 37, p. 72)

143. As reduzidas de infinitivo geralmente são introduzidas por *à força de*.

Os meus olhos enfraqueceram *à força de* chorar (Figueiredo, *Lamentações*, 2.11)

E quando, finalmente, *à força de* resistir e à falta de qualquer sinal evidente de que ela a cortejasse, pôde afirmar outra vez que faltava sentido àquelas palavras, sentiu-se enganada e inútil. (Osmã Lins, *O Visitante*, I Caderno, cap. V, p. 41)

Outros exemplos: Camilo, *Estrelas Propícias*, cap. XVI, p. 173; *Amor de Salvação*, cap. XI, p. 89; *Coisas Espantosas*, cap. VII, p. 51; cap. XXIV, p. 169; *A Queda dum Anjo*, cap. IV, p. 31. A. Herculano, *In-*

*quisição*, vol. II, p. 338. Latino Coelho, *Oração da Coroa*, p. 5. J. de Alencar, *A Pata da Gazela*, cap. XIII, p. 163; *Senhora*, III parte, cap. I, p. 181; *Diva*, cap. XIII, p. 102. M. de Assis, *Ressurreição*, cap. VII, p. 82; *Histórias Românticas*, p. 20; *Esau e Jacó*, cap. XXIX, p. 120; *Brás Cubas*, cap. XII, p. 132; *Relíquias de Casa Velha*, vol. I, p. 165. Aquilino Ribeiro, *O Malhadinhas*, cap. VII, p. 109. A Bessa Luis, *O Manto*, pp. 18-9, 36, 68-9. Osmã Lins, *Nove, Novena*, p. 15.

144. Também se podem usar à *custa de*, tanto, ou o simples *de*.

se não se amavam, o que fariam era mutilar o coração, atrofiá-lo à *custa de* lhe abafar as sensações (Camilo, *Estrelas Funestas*, I parte, cap. I, p. 15)

à *custa de* vê-la sucumbir em ambições sem nenhum objetivo, acabarei por tornar-me seu escravo (Osmã Lins, *Nove, Novena*, pp. 18-9)

*De tanto* trabalhar dia e noite, fiquei com a cabeça dorida e tonta (Érico Veríssimo, *Viagem à Aurora do Mundo*, p. 1)

Cansou-se de tanto correr.

Aí vem ela, com os olhos vermelhos de chorar.

145. Para o espanhol recorro à obra de Jean Bouzet, donde extraio os exemplos.<sup>117</sup> As desenvolvidas constroem-se com *de tanto (...)* como, *de tan... como*, *de... que*, *por lo... que*.

No podía respirar, *de tanto* calor como estaba. Je ne pouvais respirer, tellement il faisait chaud.

No podía tenerme de pie *de tan* cansado como estaba. Je ne pouvais me tenir debout, tant j'étais fatigué.

No acertaba a hablar *de* conmovido *que* estaba. Il n'arrivait pas à parler, tellement il était ému.

No puedo leer en este cuarto *por lo* oscuro *que* está. Je ne puis pas lire dans cette pièce, tellement elle est sombre.

146. As reduzidas de infinitivo constroem-se com a *fuerza de*: A *fuerza de* andar, a *fuerza de* ser malo.

A *fuerza de* disputar acerca de los límites de la Sociología, los sociólogos han arrancado a la palabra la parte más grande de su significación primitiva.

147. O espanhol clássico usava a preposição *de* reforçada ocasionalmente por *mucho*, *poco*, *tanto*, diante de verbos, e *puro* invariável diante de adjetivos e participios.

(117) Jean Bouzet, *Grammaire espagnole*, Paris, [1945], §§ 955-8, pp. 393-5.

Del poco dormir y del mucho leer se le secó el cerebro... (Cervantes, *D. Quijote*, I, 1) A force de dormir peu et de lire beaucoup, son cerveau se dessécha...

De tanto cantar se quedó ronco. A force de chanter, il resta enroué.

Don Quijote se estaba boca arriba sin poderse menear de puro molido y emplastado. (*D. Quijote*, I, 16; [cap. XVII, p. 90 da ed. de [1961] da Ebro]) Don Quichotte restait couché sur le dos, sans pouvoir se remuer, tant il était (à force d'être) courbaturé et couvert d'emplâtres.

148. Em francês as construções são semelhantes, e foram estudadas pelo menos por Le Bidois, cujas observações resumo a seguir.<sup>118</sup> Os advérbios de intensidade *tant*, *tellement*, como aliás o adjetivo de mesma raiz *tel*, servem frequentemente para indicar que uma ação ou qualidade levada a um altíssimo grau se torna a causa de certo efeito. Em semelhante construção, a causal vem geralmente em segundo lugar, quer porque a oração inicial pareça mais importante e ocupe primeiramente o pensamento, quer porque ela necessite de uma explicação. A causal pode também vir desligada da primeira oração por um sinal de pontuação (ponto e vírgula). A colocação da causal no início do período deixa o espírito em suspenso — principalmente quando isso leva a algum imprevisto —, e tem um real valor estilístico. Note-se finalmente que a causal pode ser intercalada no corpo da outra oração.<sup>119</sup> E mais adiante (§ 1475): *A force de*, seguido de um infinitivo, indica a repetição ou a intensidade da ação-causa: «Cette corruption, presque immatérielle à force d'être profonde et dissimulé» (Flaubert, *Bovary*, III, cap. V). Observe-se este exemplo de Anatole France:

Je ne suis point bousculé, je suis bercé et je pense que, à force de me balancer deçà, delà, ces gents vont m'endormir debout. (Anatole France, *Le crime de Sylvestre Bonnard*, [1947], p. 41. Também na p. 54) *Les dieux ont soif*, II, 30.

(118) Le Bidois, *Syntaxe du français moderne*, 1967, vol. II, § 1453, pp. 444-5.

(119) Para que a citação não ficasse muito longa, omiti os textos com que Le Bidois exemplifica cada uma dessas explicações: espero que a omissão não prejudique muito a exposição.

E aqui fica uma lacuna quanto ao italiano, que não pôde ser eliminada.

Em inglês: The ordinary Christian simply does not know what to make of the Revelation, so it has been left as the happy hunting-ground of cranks.